

1 2 9 0



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Bruna Filipa Teixeira Dias

**OS DESAFIOS DA ACESSIBILIDADE CULTURAL
NO MUSEU NACIONAL DE MACHADO DE CASTRO**

A MUSEOLOGIA COMO AGENTE DE INCLUSÃO

PARA A PROMOÇÃO DA CIDADANIA

Relatório de Estágio do Mestrado em Património Cultural e Museologia, na vertente de Museologia, orientado pela Professora Doutora Lorena Sancho Querol, apresentado ao Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Outubro de 2020

FACULDADE DE LETRAS

OS DESAFIOS DA ACESSIBILIDADE CULTURAL NO MUSEU NACIONAL DE MACHADO DE CASTRO A MUSEOLOGIA COMO AGENTE DE INCLUSÃO PARA A PROMOÇÃO DA CIDADANIA

Ficha Técnica

Tipo de trabalho	Relatório de Estágio
Título	Os desafios da Acessibilidade Cultural no Museu Nacional de Machado de Castro
Subtítulo	A museologia como agente de inclusão para a promoção da cidadania
Autor/a	Bruna Filipa Teixeira Dias
Orientador/a(s)	Lorena Sancho Querol
Júri	Presidente: Doutor João Paulo Cabral de Almeida Avelãs Nunes
	Vogais:
	1. Doutor Paulo Jorge Marques Peixoto
	2. Doutora Lorena Sancho Querol
Identificação do Curso	2º Ciclo em Património Cultural e Museologia
Área científica	Museologia e Património Cultural
Especialidade/Ramo	Museologia
Data da defesa	09-12-2020
Classificação do Relatório	17 Valores
Classificação do Estágio e Relatório	18 Valores



Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade.

Declaração Universal dos Direitos do Homem (1948)

Agradecimentos

A concretização deste trabalho recebeu contribuições fundamentais para a sua realização, este longo caminho proporcionou o contacto com várias pessoas e instituições, que tornaram o seu resultado uma realidade, e quero deixar patenteada a minha eterna gratidão.

À Professora Doutora Lorena Sancho Querol, orientadora deste relatório por parte da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, pela força, pela entrega, pelo carinho, pela disponibilidade na resolução de problemas e dúvidas, pelo incentivo constante, e, sobretudo, por transmitir a sua sabedoria e paixão pelo mundo dos museus, e por exigir de mim o mesmo rigor e excelência que ela aplica todos os dias em seu trabalho.

À Dra. Virgínia Gomes, orientadora por parte do Museu Nacional de Machado de Castro, que desde o primeiro dia acreditou em mim e na potencialidade deste estudo, caminhando comigo lado a lado, e transmitindo de forma constante o seu conhecimento. Por trabalhar a acessibilidade e a inclusão com uma grande paixão e entrega, que ao nível prático se traduziu na melhor professora que poderia ter tido, transformando os meus pontos fracos nos meus pontos mais fortes.

À Dra. Ana Alcoforado, diretora do MNMC, por ter proporcionado a oportunidade do estágio, pela total disponibilidade e colaboração neste relatório e pelo incentivo constante a toda a sua equipa, com o objetivo de tornar o MNMC um museu de excelência e um espaço para todos.

A toda a equipa do *EU no musEU*, pela lição mais valiosa que aprendi ao longo deste percurso, o verdadeiro trabalho em equipa, um trabalho feito com paixão e generosidade, em que nos despimos de nós próprios/as e a prioridade passa a ser a entrega, o cuidado e sobretudo o carinho aos/às participantes deste programa.

A toda a equipa do *Imagens que Guiam*, pela confiança que depositaram em mim, pela sua disponibilidade e acolhimento neste projeto de forma tão notável, mas também pelo relevante trabalho que desenvolvem junto da comunidade.

Aos meus amigos de infância, em especial à Ana e Ricardina, por todos os dias me ensinarem e demonstrarem o valor da verdadeira amizade, e por estarem sempre presentes e me apoiarem incondicionalmente.

Aos amigos de Coimbra, Natália, Mihail, Beatriz e Bernardo, por vivenciarem comigo cada momento da minha vida de forma tão intensa, por tornarem a minha vida académica inesquecível e por estarem sempre ao meu lado, apoiando e dando força nos momentos mais difíceis.

Aos meus pais, aos meus avós, à minha madrinha e ao meu irmão, quero deixar um agradecimento especial, pois não há nada mais importante que o carinho e o amor da família. Obrigada pelo apoio incondicional, por confiarem e acreditarem nas minhas escolhas, nos meus sonhos. São o verdadeiro pilar que tornaram tudo isso possível.

RESUMO

Os desafios da Acessibilidade Cultural no Museu Nacional de Machado de Castro:

A museologia como agente de inclusão para a promoção da cidadania

A realização deste trabalho surgiu no âmbito do Mestrado em Património Cultural e Museologia, na vertente de Museologia, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Trata-se do resultado do estudo realizado no decurso dum estágio de 10 meses, no qual se procura refletir acerca da acessibilidade cultural nos museus portugueses, em particular no Museu Nacional de Machado de Castro. Como objeto de estudo foram analisados dois projetos de inclusão, o *EU no musEU*, para pessoas com perturbações neurocognitivas do tipo Doença de Alzheimer e seus cuidadores/as informais, e o *Imagens que Guiam*, destinado a pessoas com dificuldades intelectuais e desenvolvimentais, procurando também destacar alguns exemplos de boas práticas de inclusão no contexto museológico português.

Foi por tanto, objetivo da pesquisa procurar encontrar respostas para as seguintes questões: Serão os projetos de inclusão em contexto museológico realmente eficazes? Que mais valias acrescentam aos museus e ao público que os frequenta? Que condições precisam reunir os museus para dar resposta às necessidades da sociedade atual? Será o museu, um espaço privilegiado para a prática da cidadania cultural ativa?

Palavras-chave: Acessibilidade Cultural; Inclusão; Museologia; Museu Nacional de Machado de Castro; Público com necessidades Especiais.

ABSTRACT

The challenges of cultural accessibility in Machado de Castro National Museum: Museology as an agent of inclusion for the promotion of citizenship

The completion of this work surged within the scope of the master's degree in Cultural Heritage and Museology, in the Museology domain of Faculty of Letters of the University of Coimbra. This is the result of a study carried out during a 10-month internship, in which I try to reflect on cultural accessibility in Portuguese museums, in particular at the National Museum Machado de Castro. As an object of study, two inclusion projects were analysed, the *EU no musEU*, for the citizens with neurocognitive disorders and for their informal caregivers and, the *Imagens que Guiam*, aimed for people with intellectual and developmental disabilities, seeking to highlight some aspects of good inclusion practices in the Portuguese museum context.

In the analysis that follows, I try to find answers to the following questions: Are the inclusion projects in the museum context really effective? What added value do they provide to museums and the public that frequents them? What conditions do museums need to fulfil the needs of today's society? Is the museum a privileged space for the practice of active citizenship?

Keywords: Cultural Accessibility; Inclusion; Museology; National Museum Machado de Castro; Public with special needs.

Lista de abreviaturas, acrónimos e siglas

APFADA - Associação Portuguesa de Familiares e Amigos dos Doentes de Alzheimer

APPACDM - Associação Portuguesa de Pais e Amigos Do Cidadão Deficiente Mental de Coimbra

CCRDC – Comissão Coordenadora e Desenvolvimento Regional do Centro

CEO - Centro Educativos dos Olivais

DGPC - Direção Geral do Património Cultural

FLUC - Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

FPCEUC - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra

IPM - Instituto Português de Museus

MCUC - Museu da Ciência da Universidade de Coimbra

MNMC - Museu Nacional de Machado de Castro

Índice

Introdução	1
Metodologias e objetivos	4
Estado da arte	6
I. CAMPO TEÓRICO	10
CAPÍTULO I: O Museu Nacional Machado de Castro – A história e evolução	11
1.1. Contextualização histórica e evolução do MNMC	11
1.2. O papel do Museu numa perspetiva económica e cultural.	12
1.3. Caracterização do MNMC	14
1.3.1. Gestão Museológica.	14
1.3.2. Edifício	15
1.3.3. Coleções.....	16
1.3.4. Exposições	17
CAPÍTULO II: Os desafios da Inclusão Cultural no Museu Nacional Machado de Castro	19
2.1. A história do direito à cidadania cultural das pessoas com necessidades especiais..	19
2.2. Os direitos culturais	22
2.3. Os desafios atuais dos museus na promoção da inclusão.	23
2.4. Desafios do MNMC no campo da inclusão cultural.....	26
II. CAMPO PRÁTICO	29
CAPÍTULO III: 2 Projetos de Inclusão Cultural no MNMC	30
3.1. O início do processo de inclusão no MNMC.	30

3.2. <i>EU no musEU</i>	32
3.2.1. Estrutura, metodologia e objetivos.....	32
3.2.2. O decorrer do processo.....	35
3.2.3. Impactos e resultados.	37
3.2.4. Análise de Conteúdos.....	52
3.3. <i>Imagens que Guiam</i>	55
3.3.1. Estrutura, Metodologia e objetivos.	55
3.3.2. O decorrer do processo.....	57
3.3.3. Impactos e resultados.	59
3.3.4. Análise de conteúdos.....	70
3.4. Discussão de Resultados.....	74
3.5 Outras atividades realizadas durante o estágio no MNMC.....	76
3.5.1. Exposição ‘De Fernão se fez António’.....	76
3.5.2. Dia Internacional dos Museus 2020 (DIM).....	76
Conclusão.....	77
Bibliografia/Fontes Consultadas.....	79
ANEXOS.....	83
Anexo A– Sessão Imagens que Guiam: Vénus e Marte castigados por Vulcano.....	84
Anexo B – Guião Comunicação Acessível: Vénus e Marte castigados por Vulcano.....	88
Anexo C– Sessão Imagens que Guiam: Adoração dos Reis Magos.....	96
Anexo D – Guião Comunicação Acessível: Adoração dos Reis Magos.....	98
Anexo E– Sessão Imagens que Guiam: Adoração dos Reis Magos.....	106

Anexo F – Guião Comunicação Acessível: Adoração dos Reis Magos.....	109
---	-----

Introdução

O presente relatório é o resultado de um estágio desenvolvido no âmbito do Mestrado em Património Cultural e Museologia, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Focando a vertente de Museologia, os motivos que me levaram a integrar este mestrado, incidiram sobretudo na minha paixão e curiosidade pelo mundo dos museus, principalmente pela diversidade cultural que representam, mas também pela possibilidade de usufruirmos das mais distintas formas desta diversidade. Sempre desejei exercer uma profissão onde tivesse a oportunidade de cruzar o passado e o presente e, simultaneamente, contactar com pessoas a quem pudesse transmitir esse legado de uma forma útil, inspiradora, aberta a interpretações múltiplas que resultem em experiências significativas para todos/as.

Pouco tempo depois de iniciado o curso, percebi que o museu é uma instituição de relevo no que concerne à intervenção e inclusão social. Dado o interesse que o tema me suscita, optei por conduzir o meu estudo nessa direção.

Deste modo, comecei por estudar a acessibilidade e a inclusão, pois o meu objetivo não é apenas trabalhar num museu, mas sim promover condições para que, tanto quanto possível, o mesmo possa ser inclusivo, criando igualdade de oportunidades no acesso e na fruição da cultura, independentemente da condição física ou psíquica de cada pessoa.

A arte é, na minha opinião, um bom ponto de partida para a inclusão, pela sua vertente humanista. Foi portanto, neste seguimento, que, no 2º ano do mestrado, decidi optar pelo estágio/relatório, solicitando acolhimento (que decorreu durante 10 meses) numa instituição que vem sendo uma referência a nível nacional, no que diz respeito à acessibilidade e inclusão cultural: o Museu Nacional de Machado de Castro (MNMC).

Acredito que a experiência que um estágio nos proporciona é única, uma vez que nos permite ter um contacto mais próximo com a realidade e, neste contexto, a aprendizagem e evolução profissional, tornam-se uma gratificante constatação. A escolha do MNMC como instituição de acolhimento deveu-se não só à sua longa e rica história, mas também ao seu espólio, sendo o objetivo principal deste relatório, compreender o impacto de dois projetos de

inclusão que se encontram em curso no MNMC, junto de diferentes públicos e com ferramentas específicas de abordagem: os projetos, *EU no musEU* e *Imagens que Guiam*.

Com este objetivo subjacente o capítulo primeiro refere-se ao MNMC, incluindo a sua contextualização histórica e caracterização numa perspetiva socioeconómica, e também do ponto de vista da gestão museológica.

O segundo capítulo versará sobre os desafios da acessibilidade cultural no MNMC. Para tal, apresenta-se uma síntese da história do direito à cidadania cultural das pessoas com necessidades especiais (NES), incidindo de seguida os desafios atuais dos museus na promoção da inclusão. Fecharei o capítulo abordando os desafios do MNMC relativamente à acessibilidade cultural.

No terceiro capítulo expõe-se o estudo dos impactos e resultados dos dois projetos selecionados para este estudo.

Pretendo assim, com o presente estudo e relatório encontrar resposta para algumas das seguintes questões: Serão os projetos de inclusão, em contexto museológico, realmente eficazes? Que benefícios trazem para os museus e para os seus públicos? Que condições precisam os museus de reunir para dar resposta às necessidades da sociedade atual? É o museu, um espaço de empoderamento e de exercício de cidadania?

Finalmente, antes de iniciarmos o estudo, convém esclarecer, quer a escolha dos termos utilizados, quer os fatores diferenciadores entre eles, dado que ainda hoje não parece haver consenso na sua definição, apesar de serem dois termos chave no campo da acessibilidade. Por este motivo, optei por proceder à elaboração das suas definições de uma forma prática e clara, tomando como ponto de partida e eixo norteador as diversas aprendizagens resultantes do estágio no MNMC e das pesquisas realizadas para a elaboração do presente relatório. Refiro-me aos seguintes termos:

Acessibilidade: do latim *accessibilitas*, o termo é morfologicamente composto por acessível + idade. No entanto é, ainda hoje, frequentemente desvirtuado, ao ser associado na maioria dos casos apenas ao acesso físico ignorando assim a sua própria natureza etimológica. No campo que nos ocupa, o termo acessibilidade abrange hoje não só o fator idade, mas também outras categorias, tais como, o acesso social, intelectual e emocional. Desta forma, o acesso à cultura é

feito na sua totalidade, independentemente da natureza e condição do sujeito, não olhando, nem sublinhando fragilidades e promovendo a igualdade.

Inclusão: Indica o ato ou efeito de incluir, pelo que remete inevitavelmente, para uma exclusão subjacente, cujos critérios ficam com frequência por esclarecer. Quando decorrer um projeto de inclusão cultural em espaço museológico significa que há ainda um processo de integração social, intelectual e emocional pendente.

Sob esta perspectiva, optei pelo termo acessibilidade cultural como conceito chave do trabalho que aqui apresento, porque representa sem dúvida o ponto ideal a que devemos chegar, já que, enquanto for necessária a utilização do termo inclusão, ainda estará a decorrer um processo de integração a vários níveis. Da mesma forma, quando se atingir o ponto da acessibilidade, essa integração a vários níveis terá sido atingida, passando a ser característica intrínseca dos espaços e dos projetos culturais, onde todas as pessoas têm as mesmas oportunidades e condições de acesso à cultura.

Metodologias e objetivos

Para a realização deste relatório de estágio e com o objetivo de obter resultados concretos relativamente à atuação da museologia na área da acessibilidade cultural, foi definido como objetivo geral, compreender o impacto de dois projetos de inclusão do MNMC, junto de diferentes públicos e com ferramentas específicas de abordagem.

Neste sentido, foram selecionados os projetos *EU no musEU* e *Imagens que Guiam*. Posteriormente, foram definidos objetivos e metodologias de trabalho para a realização da investigação em cada um deles. Trata-se de dois projetos inovadores com diferentes ferramentas de abordagem que, no âmbito da presente pesquisa, me propus avaliar do ponto de vista qualitativo.

Relativamente ao projeto *EU no musEU*, definiram-se como objetivos a construção de guiões de entrevista semiestruturada para os/as cuidadores/as informais de pessoas com perturbações neurocognitivas, de modo a identificar e analisar o impacto do programa na promoção da sua relação com a cultura e com a arte. No decorrer do estágio, para além das entrevistas semiestruturadas, foram também utilizadas as seguintes ferramentas: pesquisa bibliográfica sobre diversos temas (história do museu, inclusão cultural em museus etc.), observação participante das sessões do projeto e análise de discurso.

Relativamente à observação participante, este é um método em que “*o investigador foca-se, essencialmente, na atribuição de significados às práticas e vivências humanas, encaradas sob a perspetiva de insiders*” (SPRADLEY, 1980 in AA.VV, 2017).

Segundo Spradley existem diferentes tipos de envolvimento na observação participante, que podem divergir de um nível mais baixo até a um nível mais alto, dependendo do seu objeto de estudo. No caso da minha intervenção, podemos falar de uma Participação Moderada, em que: “*o observador participante insere-se na realidade a observar, observa, mas não mexe em nada... Ele debruça-se sobre a análise dos comportamentos nos quais ele se envolve, até aos mais ínfimos pormenores, e faz o propósito de os deixar intactos, considerando o encadeamento desta via como um feito precioso para a ciência*” (MEAD, 1966 in AA.VV (2017)).

Relativamente às *Entrevistas Semiestruturadas* foram definidas como metodologia de investigação e de análise para ambos os projetos. Manzini (1990/1991:154), lembra-nos que “*está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. Para o autor, esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas*” (MANZINI, 2004).

No que concerne ao projeto *Imagens que Guiam*, para além das entrevistas semiestruturadas, foram também utilizadas as seguintes ferramentas: pesquisa bibliográfica e construção de guiões de comunicação acessível. Neste último caso, há uma elaboração do discurso em linguagem simples, convertida em pictogramas, que permite ao público com dificuldade intelectual e desenvolvimental descodificar a mensagem. Foi ainda realizada a aplicação desses guiões em visitas explicativas, que consistem na abordagem e exploração de uma só peça. A análise de discurso foi também usada como ferramenta de abordagem.

Estado da arte

O levantamento realizado sobre a temática da acessibilidade cultural permitiu-me confrontar a investigação teórica e o estudo das práticas desenvolvidas no MNMC, no contexto da sociedade e da realidade museológica portuguesas.

Com a transformação do papel dos museus e o reconhecimento da sua função social no século XX (Seminário Regional da Unesco sobre a Função educativa dos Museus em 1957 e Declaração de Santiago do Chile sobre a sua função social em 1972), começaram a surgir novas preocupações e novos desafios, que levaram o museu a assumir um papel social e educacional, ao inserir a comunidade nas suas atividades. O resultado desta transformação foi assente na XIX Conferência Geral do ICOM, que decorreu em Barcelona no ano de 2001, onde se estabeleceu a definição atual de museu: “*O museu é uma instituição permanente sem fins lucrativos, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, investiga, comunica e expõe o património material e imaterial da humanidade e do seu meio envolvente com fins de educação, estudo e deleite*” (ICOM, 2001).

A partir deste momento, houve um reforço da ideia de museu como espaço inclusivo, como um espaço para todos. Neste sentido, começaram a surgir algumas investigações e trabalhos de especial relevância sobre a inclusão cultural, de entre os quais se destacam seis, dois a nível internacional e quatro portugueses:

Ao nível internacional, assume relevância o manual “*INCLUDING MUSEUMS: perspectives on museums, galleries and social Inclusion*” de 2001, da autoria de Jocelyn Dodd e Richard Sandell, que inclui contribuições de outros 20 autores/as. Este manual consiste numa coletânea de artigos que defendem e demonstram que as organizações culturais possuem o potencial para impulsionar uma mudança social positiva e que têm o dever e a responsabilidade de o fazer. Cada autor/a oferece, assim, uma perspetiva diferente mas todos/as defendem que para esta mudança de paradigma é necessário novas formas de organização e novos métodos de trabalho, devendo começar esta mudança pelas programações e dinâmicas concebidas pelos/as profissionais de museus.

Neste mesmo contexto, gostaria de destacar o contributo de David Fleming, que defende que há duas questões fundamentais no que concerne ao impacto dos museus no campo da

inclusão social. Em primeiro lugar, os museus devem delinear agendas mais inclusivas. Em segundo lugar, os/as profissionais devem estar envolvidos/as de forma profunda, nos objetivos das atividades culturais. O autor relata também que ainda há muita resistência por parte de alguns profissionais da área a esta mudança. Os museus onde a inclusão social teve mais impacto foram aqueles cuja influência política é mais forte, nomeadamente os museus locais. Mas muitos profissionais resistiram a esta influência política no campo cultural, afirmando que é negativa para o mundo cultural ou restringe a liberdade artística.

Fleming defende também que a inclusão em museus não significa o seu declínio relativamente às suas funções. Muito pelo contrário, os profissionais passam a estar mais preparados e os museus passam a assumir um carácter social e culturalmente mais responsável.

Já no Brasil existe um manual intitulado de *Acessibilidade a Museus – Cadernos Museológicos* (Volume 2), desenvolvido pelo Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). Este manual apresenta as boas práticas desenvolvidas nos museus brasileiros, bem como a sua adaptação, com regras e informações que possam servir aos museus para a implementação destas práticas de forma a proporcionar ao público com NES uma experiência física, sensorial e emocional completa. É objetivo deste manual servir “*de alavanca no difícil processo de mudar mentalidades para a consciencialização ampla e irrestrita de todos os que trabalham com questões relacionadas à rica cultura brasileira*” (IBRAM, 2012: 163).

Dos estudos realizados com a contribuição de Portugal destaca-se a publicação *Colecionismos, práticas de campo e representações* de Maria Margaret Lopes e Alda Heizer (2011), de onde se destaca o capítulo III, redigido por João Brigola. Nele se apresenta a *Perspetiva histórica da evolução do conceito de museu em Portugal*, destacando-se o facto de que no século XX, com a revolução de 25 de Abril de 1974 e a implementação de um regime liberal, houve uma renovação dos interesses e da importância atribuída relativamente ao património cultural. Foi nessa sequência que surgiu o fenómeno designado por municipalização, isto é, o campo museológico estendeu-se progressivamente às administrações regionais e locais e as atuações museológicas começaram a aproximar-se dos princípios da Nova Museologia, conectando os conceitos de cultura, território, comunidade e identidade.

Esta mudança foi assinalada em 1985 com a criação do Movimento Internacional por uma Nova Museologia (MINOM) em Lisboa, onde também foram pensadas novas tipologias e

formas de valorização do património cultural como o património científico e o património industrial.

Com estas mudanças e com a formação académica de profissionais em universidades estrangeiras, que questionavam e ampliavam as relações dos museus com os seus públicos, começaram a surgir estudos focados nos temas de acessibilidade e inclusão, tais como:

O manual *Temas de Museologia - Museus e Acessibilidade* elaborado pelo Instituto Português de Museus (IPM) em parceria com instituições que representam as pessoas com deficiência, constituindo uma abordagem que visava sensibilizar para a supressão de obstáculos, sobretudo físicos, presentes até então na maioria dos museus em Portugal. Nele, os autores traçam um diagnóstico das situações mais graves e assinalam recomendações para uma boa prática museológica, de forma a melhorar o acesso e as condições de acolhimento dos museus, com a finalidade de proporcionar uma participação mais ativa da sociedade, destacando os bons exemplos até então existentes.

Saliento também o *Guia de Boas Práticas de Acessibilidade – Comunicação Inclusiva em Monumentos, Palácios e Museus* com a coordenação de Clara Mineiro. Trata-se de um estudo muito semelhante ao último mencionado, com a diferença de que este desenvolve o tema da acessibilidade de uma forma mais abrangente e atualizada. A abordagem foca as linhas programáticas de atuação de monumentos, palácios e museus junto de públicos com NES. Analisa e explora novas ações de inclusão, apresenta novos conteúdos adaptados às necessidades específicas do público com deficiência, oferecendo sugestões de novos produtos, como a áudio descrição, a escrita em comunicação aumentativa e as vistas virtuais. Propõe a avaliação diagnóstica e a sua implementação. Como anexo disponibilizam uma ficha de diagnóstico para avaliação da acessibilidade.¹

Ainda a nível nacional, saliento a *3ª edição do Manual de boas práticas artísticas e culturais a arte pertence a todos*², desenvolvido pela Associação Nacional de Arte e Criatividade de e para Pessoas com Deficiência (ANACED), no âmbito do seu programa de financiamento a projetos que contribuem para o desenvolvimento físico e intelectual “*permitindo-lhes desenvolverem ideias, sensações, capacidades, imaginação, criatividade, possibilitando-lhes a experiência de auto-realização estimulando-os, através do contacto da realização dos outros, à*

¹ Disponível em: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/publicos/acessibilidade/estudos/>

² Disponível em: https://issuu.com/anaced/docs/3_edicao_do_manual_de_boas_praticas

vivência em comunidade, para que possam apropriar-se dos espaços sociais, como autores da sua história de vida.” (ANACED, 2013:9). Nos capítulos 3 e 4 deste manual a ANACED destaca os projetos mais reveladores relativamente à inclusão dos 160 projetos recebidos, apresentando como objetivos: “1) *Divulgar experiências bem-sucedidas que têm tido um papel fundamental no processo de inclusão social das pessoas com deficiência; 2) Chamar a atenção da comunidade geral e das entidades responsáveis para as capacidades e direitos das pessoas com deficiência de modo a favorecer a redução de estereótipos e preconceitos, que as impede de participar, em igualdade de condições com as outras pessoas, na vida cultural e artística do seu país; 3) Incentivar à troca de experiências e à realização de novas práticas; 4) Constituir o manual, em si mesmo, num modelo de boa prática.*” (ANACED, 2013:10). Trata-se de um manual que abrange todas as áreas da cultura, tais como a música, a escrita, o teatro e que, na secção multi-artísticos refere as boas práticas em museus, nomeadamente o projeto *EU no musEU*, que é um dos objetos de estudo deste relatório.

Recentemente em Outubro de 2020, a associação cultural Acesso Cultura, apresentou um novo manual intitulado de *A participação cultural de pessoas com deficiência ou incapacidade – Como criar um plano de acessibilidade*. Este manual oferece uma visão integrada da participação cultural ao nível das várias áreas da cultura, traçando as várias áreas de atuação relativamente ao nível de intervenção e implementação com o apoio e depoimento de pessoas com NES, enquanto público e/ou artista. Anexa um glossário com termos, de forma a que estes passem a ser corretamente aplicados. A sua finalidade é servir como instrumento de apoio aos profissionais da cultura que pretendam criar planos de acessibilidade.

I. CAMPO TEÓRICO

CAPÍTULO I: O Museu Nacional Machado de Castro – A história e evolução

1.1. Contextualização histórica e evolução do MNMC

Localizado no Largo Dr. José Rodrigues, na Sé Nova em Coimbra, o MNMC está instalado no antigo Paço Episcopal e assenta sobre uma estrutura romana datada do século I, o criptopórtico de Aeminium. O espaço deste museu é carregado de história, sendo também um espelho da evolução histórica da região e da cidade de Coimbra. No contexto da expulsão dos jesuítas pelo Marquês de Pombal, o Bispo de Coimbra numa tentativa de evitar a perda dos bens pertencentes à Igreja manda fundar o Museu da Sé em 1884, o primeiro museu de Arte Sacra em Portugal (FREITAS, 2014: 115-118).

Anos mais tarde, a sua transformação em MNMC³ foi determinada num decreto que remonta ao ano de 1911, mas a sua abertura ao público ocorreu em 11 de Outubro de 1913, tendo como seu diretor António Augusto Gonçalves⁴, que procurava que o museu representasse todo o percurso da produção artística nacional (REZENDE, 2016: 9-10), tendo procurado incrementar a educação pelo gosto artístico dos artesãos da região. Por sua vez, o segundo diretor, Vergílio Correia, direccionou o museu para o conceito de museu regional, pois a grande maioria do seu espólio era proveniente da região de Coimbra, atribuindo-lhe assim um carácter mais autêntico. Já o terceiro diretor, Luís Reis Santos, decidiu dar destaque às coleções de arte. É durante a sua direção, em 1965, que o MNMC é elevado à categoria de Museu Nacional, e ao mesmo tempo, se projeta internacionalmente, com exposições e palestras de historiadores da arte, escritores e museólogos estrangeiros.

Entre 1955 e 1972, decorreram no museu escavações arqueológicas, das quais foram recolhidos objetos que se encontram hoje em exposição no museu. (REZENDE, 2016: 11-12)

Recentemente, em 2004, deu-se início a obras de requalificação e ampliação, financiadas pelo Programa Operacional para a Cultura, com um orçamento de 10 milhões de euros. O espaço foi temporariamente encerrado ao público, reabrindo parcialmente em 2009, e integralmente em 2012, após a conclusão das obras, cujo projeto foi da responsabilidade do arquiteto Gonçalo

³ Foi assim determinado em homenagem ao escultor conimbricense, Machado de Castro.

⁴ António Augusto Gonçalves: Fundador do Museu Machado de Castro (1848- 1932).

Byrne, que recebeu o prémio Piranesi/Prix de Rome, pela capacidade de harmonizar e articular os traços contemporâneos com o registo histórico do edifício. (REZENDE, 2016: 12-14)

A 7 de Julho de 2019, o MNMC foi integrado na área classificada pela UNESCO como Património Mundial da Universidade de Coimbra, Alta e Sofia., por decisão da 43ª Sessão do Comité do Património da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura que decorreu no Azerbaijão, em 2019 (NOVAIS, 2019).⁵

1.2. O papel do Museu numa perspetiva económica e cultural.

O MNMC é uma instituição fundamental para o conhecimento da realidade histórica da região Centro e da cidade de Coimbra, pois grande parte do seu acervo museológico é procedente desta região, englobando vários períodos históricos e correntes artísticas (FREITAS, 2014). Para além de cumprir a função de salvaguarda, estudo e valorização do seu património, é também um importante motor da sua divulgação e dinamização.

Situado na região Centro, o museu é uma entidade importante ao nível do desenvolvimento regional, nomeadamente no relacionado com promoção cultural e social, procurando aproximar-se cada vez mais da sua comunidade, através de iniciativas inclusivas, com base no conhecimento das suas coleções e nas atividades museológicas em curso.

A sua participação e contributo em projetos e parcerias de investigação de atividades científicas tornam o museu um agente ativo na produção e partilha de conhecimento e desenvolvimento científico, colaborando em vários estudos. Neste contexto, ao longo dos últimos anos o MNMC estabeleceu parcerias com algumas faculdades da Universidade de Coimbra, e alguns institutos do ensino superior, como é o caso, da Faculdade de Letras (FLUC), e de Psicologia (FPCE-UC), e a Escola Superior de Educação (ESEC).

O MNMC é o museu mais conhecido da cidade de Coimbra, registando no ano de 2016 um total de 110 568 visitantes (AAVV, 2018)⁶ e através do turismo cultural poderá contribuir indiretamente para o consumo nos comércios locais e para a melhoria da qualidade de vida na região.

⁵ Fonte: <https://observador.pt/2019/07/07/museu-machado-de-castro-integrado-na-area-de-patrimonio-mundial-da-unesco-de-coimbra/> consultado em: 18 de Maio de 2020.

⁶ Fonte: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/publication_pdfs/MNMC_REPORT_092018.pdf consultado em: 20 de maio de 2020.

Sendo o museu um serviço dependente da Direção Geral do Património Cultural, não tem personalidade jurídica, logo ao nível socioeconómico não possui autonomia para gerar e gerir riqueza.⁷

⁷ Lei de criação da Direção Geral do Património Cultural de 25 de Maio de 2012: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/dgpc_enquadramento_legal/115_2012_dgpc.pdf

1.3. Caracterização do MNMC

1.3.1. Gestão Museológica.

Como o próprio nome indica, o MNMC é um museu nacional cuja estrutura organizacional complexa se encontra sob o abrigo da Lei Quadro n.º 47/2004, que define os princípios da política museológica nacional.⁸

Com uma visão de desenvolvimento, de divulgação de cultura, de educação patrimonial e de promoção do espírito crítico, o MNMC apresenta como missão: “ (...) *a propiciação de condições de convivência autêntica com a obra de arte, através de experiências sensoriais e emotivas, em relação às quais o discurso verbal e a racionalização aparecem em plano complementar. (...) As atividades a desenvolver no Museu, que habitualmente designamos de culturais e educativas, pretendem oferecer a todos, em especial à comunidade mais próxima, excelentes oportunidades de desenvolvimento de qualidades afetivas e estéticas. A programação de manifestações artísticas de tipo performativo (música, teatro, dança, etc.) obedece ao mesmo objetivo de interação com os espaços do Museu que ultrapasse as noções de mera conveniência formal e de enquadramento, contribuindo antes para criar contrastes e amplificações de valores*”.

A partir das noções principais da sua missão, o museu procura desenvolver a gestão do seu espólio, de modo a concretizar uma interatividade e um diálogo ativo entre os seus públicos e as suas coleções, tendo sempre a preocupação e o cuidado da sua preservação e valorização. As suas coleções foram divididas e distribuídas, e estão a cargo dos quatro conservadores do MNMC, ou seja, cada conservador é responsável pela gestão e preservação de uma parte das coleções do museu.

Relativamente à investigação e inventariação, o museu apoia projetos de investigação em diversas áreas, incluindo a recolha e tratamento de dados do estudo das suas coleções, assim como a sua divulgação.

⁸ Lei n.º47/2004 de 19 de Agosto – Diário da República, I SÉRIE: <https://dre.pt/pesquisa/-/search/480516/details/maximized>, consultado em: 5 de maio de 2020.

O museu também tem uma presença forte nas redes sociais, divulgando as suas atividades, e promovendo o seu espaço e o seu espólio, sendo também uma forma de diálogo com o seu público.

O MNMC dispõe de Serviços Educativos, que procuraram promover atividades que contribuam para a dinamização e aproximação ao património e à própria vida do museu, como por exemplo visitas guiadas, conferências, concertos, entre outros. Uma componente muito importante do museu, que conta com o trabalho de toda a equipa são os projetos e programas de inclusão, que iremos analisar nos capítulos seguintes.

1.3.2. Edifício

A grande renovação do museu implicou a construção de um novo edifício. Atualmente está integrado em três unidades principais interligadas.

Uma destas unidades, a mais antiga, é o *Criptopórtico Romano*, datado de meados do século I, edificado pela administração romana com a função de suporte do fórum da cidade de *Aeminium*⁹, que constituiu uma importante sede política, administrativa e religiosa. Tem uma grande rede de galerias, e está inserido no percurso da visita, funcionando também como percurso isolado, se o visitante preferir.

Um outro espaço importante é o *Antigo Paço Episcopal*, que sofreu diversas alterações ao longo dos anos. Os seus primeiros registos apontam para o século XVI mas há indícios que a sua construção remonta aos séculos XI ou XII. Este encontra-se classificado como *Monumento Nacional*, e nele encontra-se o acervo, salas multimédia e a sala de exposições temporárias.¹⁰

O novo edifício está ligado ao criptopórtico romano e ao Paço Episcopal. Nele está inserida grande parte da exposição permanente do museu (FREITAS, 2014).

⁹ Cidade de Coimbra romana.

¹⁰ *O Edifício e as Marcas do Tempo*. Site Museu Nacional de Machado de Castro. Consultado em 4 Maio de 2020. <http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/museu/ContentDetail.aspx?id=629>

1.3.3. Coleções

O MNMC expõe diversas coleções de diferentes tipologias, parte das quais são provenientes do próprio edifício, assim como de diversas igrejas e mosteiros da região de Coimbra, sendo muito representativas da arte portuguesa, sobretudo de arte religiosa. A coleção mais relevante do museu é a de escultura em pedra, estando também representada uma relevante coleção de ourivesaria e joalheria, que inclui o antigo Museu das Pratas da Sé. A variedade do acervo exposto inclui ainda pintura, do norte da Europa e Portuguesa, escultura em terracota e de madeira, cerâmica e azulejo, desenho de arquitetura, têxteis, mobiliário e as coleções orientais.

A coleção de *Arqueologia* é pequena. Provém da ‘Alta’ da cidade de Coimbra na época romana. É constituída por objetos de pedra, cerâmica, ferro e bronze, que foram descobertos nas escavações arqueológicas do criptopórtico romano (MNMC, 2012).

A coleção de *Escultura*, abrange os séculos IX ao XVIII, e na sua maioria é constituída por esculturas de temática religiosa, provenientes da produção escultórica dos mestres de Coimbra. Nela encontramos objetos executados por autores célebres, tais como, Gil Eanes, Diogo Pires-o-Velho, Diogo Pires-o-Moço e João de Ruão.

A coleção de *Pintura*, é maioritariamente constituída por pintura portuguesa, mas também integra um conjunto de pinturas flamengas do século XVI, abrangendo na sua generalidade um período cronológico entre os séculos XV e XX. Contém obras de célebres mestres como por exemplo, Garcia Fernandes, Josefa d’Óbidos, Bento Coelho e Pedro Alexandrino de Carvalho.

1.3.4. Exposições

O MNMC possui um grande espólio, mas apenas uma parte se encontra na sua exposição permanente, que se segue pela ordem do percurso de visita recomendada pelo museu.

Exposição Permanente:

Criptopórtico de Aeminium: Trata-se de uma estrutura monumental, constituída por dois andares sobrepostos de galerias intercomunicáveis. Aqui encontramos esculturas e epígrafes provenientes do próprio criptopórtico ou de outros locais na cidade.

Escultura Portuguesa: Sendo a coleção de referência do MNMC, aqui encontramos em maior número esculturas em pedra, mas também um conjunto escultórico de terracota (de referência na escultura europeia do século XVI) e alguns exemplares de escultura em madeira.

Abarca vários séculos (do século IX ao século XVIII) e tendências artísticas, que testemunham a existência de uma tradição escultórica da região de Coimbra, que outrora foi um dos maiores centros de produção do país.

Ceia de Cristo de Hodart: Obra de terracota, criada por Hodart Vyryo, entre 1530 e 1534, para o refeitório do Mosteiro de Santa Cruz. É um dos grandes exemplos de escultura maneirista, única em Portugal. O carácter autêntico, e o facto de ser uma obra de grandes dimensões, muito danificada e incompleta justifica a sua exposição num núcleo individualizado.

Arte do Norte da Europa no Século XVI: Aqui estão compreendidas duas áreas artísticas, a pintura e a escultura, destacadas pelas suas características únicas de conceção e execução. As obras são provenientes das regiões do Norte da França, da Alemanha e da Flandres, pois nos séculos XV e XVI os flamengos dominaram a arte europeia, e devido ao mecenato régio e episcopal adquiriram importantes obras de arte, expostas neste núcleo.

Pintura Portuguesa: Este núcleo é constituído por obras datadas entre os séculos XV e XVIII, do gótico ao rococó. A sua origem provém dos extintos conventos da cidade e região de Coimbra. Aqui encontramos uma temática sacra relacionada com a cultura judaico-cristã com matrizes clássicas e referências de mitologia greco-romana.

Ourivesaria: Este núcleo compreende uma coleção de ourivesaria sacra desenvolvida ao longo de oito séculos, destacando-se aqui o Tesouro da Rainha Santa Isabel.

Cerâmica: Neste núcleo encontramos produtos cerâmicos, datados entre os séculos XV e XX, dos principais centros de produção cerâmica do país. Nesta coleção encontram-se diversos tipos de cerâmicas, desde os azulejos, faianças, porcelanas, barro vidrado e não vidrado de diferentes épocas.

Reforma Pombalina: Aqui estão expostos projetos únicos sobre os edifícios ligados à reforma dos estudos universitários que o Marquês de Pombal projetou em Coimbra.

Paramentos Litúrgicos: Este núcleo tem um número limitado de peças selecionadas entre as mais valiosas, constituído por dalmáticas e pluviais com motivos de cariz vegetalista, cujo trabalho artístico repete a decoração da restante indumentária religiosa.

Cruzamento de Culturas: Esta ala da exposição está organizada em três núcleos. O primeiro núcleo é constituído pelos contributos do Médio Oriente, como, por exemplo, tapetes importados da Pérsia e da Turquia. O segundo núcleo apresenta a coleção de mobiliário do museu, datado entre os séculos XVI e XIX. E o terceiro núcleo invoca o intercâmbio cultural entre os portugueses e as culturas indiana, chinesa e japonesa.

Coleções Orientais: Este núcleo resulta de doações de coleções que o poeta Camilo Pessanha e o político Manuel Teixeira Gomes fizeram ao museu, e apresenta as suas peças mais notáveis. A política de depósitos do MNMC revela-se também nesta coleção, cuja maior parte (cerca de mil peças) se encontra patente na exposição permanente do Museu do Oriente.

Exposição Temporária:

Nadir Afonso: cidades e lugares: Esta exposição está inserida nas celebrações do centenário do nascimento do artista Nadir Afonso. O seu tema principal são as cidades de vários pontos do mundo, que estão representadas por arquiteturas de linhas e formas.

CAPÍTULO II: Os desafios da Inclusão Cultural no Museu Nacional Machado de Castro

2.1. A história do direito à cidadania cultural das pessoas com necessidades especiais.

Quando programamos um projeto destinado a públicos com necessidades especiais (NES), é fundamental compreender e analisar a sua história, o seu percurso, assim como as atitudes e valores que consolidaram os mecanismos de exclusão e de inclusão social associados à pessoa com deficiência.

O processo histórico da deficiência não ocorreu de forma linear. O modo como olhamos o indivíduo altera-se em função de fatores culturais, como os valores e crenças de cada cultura, ou os fatores temporais. No percurso da história da humanidade, as pessoas com NES foram, com frequência, vistas como obstáculos, merecedoras de misericórdia, ou mesmo como sinais de punição divina.

Na Pré-História, devido às condições físicas e climáticas da Terra, os primeiros grupos de humanos eram nómadas, e, apesar de não existirem grandes indícios, tudo aponta para atitudes de pré-eliminação, pois as pessoas com necessidades especiais eram abandonadas nos antigos locais de moradia da tribo, porque representavam um fardo para o seu grupo. (PACHECO e ALVES, 2007: 242-248)

Por sua vez, no Antigo Egipto, conhecido durante muito tempo, como a “Terra dos Cegos”, os registos arqueológicos e os papiros permitem-nos compreender que as pessoas com NES estavam integradas nas diferentes hierarquias da sociedade, chegando inclusive em alguns casos, a exercer cargos muito importantes. As atitudes do Antigo Egipto evidenciam assim uma atitude de respeito pelas pessoas portadores de deficiência. (GUGEL,2007)

Já na Grécia Antiga vivia-se uma sobrevalorização do corpo forte e belo, e acreditava-se que favorecia nas lutas e nas guerras. Sob esta perspetiva, as pessoas com NES eram com frequência rejeitadas, através do abandono ou então sendo atiradas pelo *Taygetos*.¹¹

Da mesma forma, podemos observar referências a este grupo de pessoas na poesia. Por exemplo, na *Ilíada Hefesto*, uma personagem que tinha uma perna disforme, foi rejeitado pela sua mãe *Hera*. *Hefesto* era um ferreiro divino e terá sido expulso do Olimpo por *Zeus*. Já no mundo dos homens, demonstrou o seu talento nas artes manuais e metalurgia (GUGEL, 2007).

¹¹ Cordilheira no Peloponeso, Grécia.

Em Roma, observamos igualmente um quadro desfavorável, pois sabe-se que muitas crianças eram assassinadas à nascença por afogamento, ou abandonadas, e aqueles/as que sobreviviam acabavam a pedir esmola, sendo vistos como seres inferiores. Este cenário altera-se no tempo de conquistas do Império Romano, já que o facto de muitos soldados regressarem das batalhas feridos, dará lugar ao desenvolvimento de uma atitude assistencialista e protecionista, reforçada mais tarde por uma nova doutrina, o Cristianismo (PACHECO e ALVES, 2007: 242-248).

Esta nova doutrina defende ideais como a caridade e os cuidados ao próximo, pelo que as pessoas com NES passam a ser vistas como merecedoras de cuidados, sendo este o momento em que são reconhecidas pelo que realmente são, seres humanos e até mesmo merecedores de alma. Os cuidados destas pessoas eram assumidos essencialmente pela Igreja e pelas suas famílias. No entanto, estas ainda permaneciam muito à margem da sociedade, e apesar de não haver atitudes de extermínio havia uma segregação social (PACHECO e ALVES, 2007:243).

Na Idade Média, os hospitais tornavam-se cada vez mais depósitos de pessoas, onde apenas eram atendidas as suas necessidades fisiológicas, não existindo preocupações de qualquer ordem a nível social e cultural. Finalmente, no campo da medicina, os profissionais da saúde só se dedicaram a estudar a deficiência a partir do século XIX (PACHECO e ALVES, 2007:244).

No período da Revolução Industrial, começa-se a valorizar o potencial destas pessoas para a produção, tornando-se necessária a sua formação com o intuito de aumentar a mão de obra. A importância que se atribuiu à educação das pessoas com NES torna-se um desafio social, o que se traduziria progressivamente numa melhoria da sua qualidade de vida.

Apesar de haver um avanço positivo no trato, e de as pessoas com NES permanecerem agora inseridas na escolarização, tanto as escolas como os seus profissionais não estavam preparados para atender de forma eficaz às suas necessidades, o que levou à criação das classes especiais, que contribuiriam, novamente, para uma maior segregação destas pessoas.

Nos finais do século XIX, surge o processo de reabilitação. Os humanistas defendem a obrigatoriedade de se atender às necessidades das pessoas com deficiência. Desta forma, entre 1902 e 1912 há uma crescente organização e formação de instituições orientadas para a pessoa com deficiência (PACHECO e ALVES, 2007: 245).

No período pós Primeira Guerra Mundial, os governos voltaram também, a sua preocupação para a reabilitação dos ex-combatentes, melhorando assim a sua qualidade de vida. A sociedade ficou também mais atenta aos problemas sociais, procurando encontrar instrumentos que permitissem melhorar o processo de reabilitação. Constituiu-se deste modo a primeira iniciativa internacional voltada para as pessoas com NES, a Sociedade Escandinava de Ajuda a Deficientes, hoje em dia conhecida como *Rehabilitation International* (GUGEL, 2007).

Se até então verificamos alguns progressos, com o culminar da Segunda Guerra Mundial, o número de atentados cometidos contra a dignidade humana aumenta substancialmente. Os ideais de uma população forte e de purificação de uma raça, conduziram à conceção do Holocausto, onde se estima que morreram 275 mil adultos e crianças com deficiência, neste período, e 400 mil pessoas suspeitas de hereditariedade de deficiências mentais ou cegueira foram esterilizadas.

A estas atrocidades juntou-se o lamentável episódio do lançamento das bombas em Hiroshima e em Nagasaki, que, além do número elevado de mortos e feridos, deixou sequelas para as gerações seguintes.

Já num período pós-Segunda Guerra Mundial, a sociedade começou a olhar os portadores de deficiência, como sujeitos de direito, isto é, como pessoas com os mesmos direitos. Nesse período são aprovadas duas iniciativas relevantes: a *Declaração Universal dos Direitos do Homem* pela UNESCO (1948) e o *Modelo Social da Deficiência desenvolvido no Reino Unido* (AA.VV, 2010) na década de 60. Ambos tornam-se fundamentais para o desenvolvimento de uma prática da inclusão social e para deletar a exclusão e a desigualdade da vida destas pessoas.

Desta forma, ao longo da história, e graças às situações como as aqui salientadas, este segmento social tem vindo a ganhar um território próprio, havendo atualmente uma pressão política e um maior compromisso na definição e implementação de direitos, onde o campo cultural não é excluído.

2.2. Os direitos culturais

No quadro dos direitos culturais, definidos em 1966 no *Pacto Internacional de Direitos Económicos, Sociais e Culturais* na Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas, a 16 de Janeiro de 1966, e consagrados no Capítulo III (título III, parte I), da Constituição Portuguesa, encontramos três categorias primordiais:

Os direitos relativos à identidade cultural, à liberdade cultural e o direito de acesso aos bens culturais. Estas categorias tornam-se imprescindíveis relativamente à identidade pessoal e sua personalidade, ou seja, são indissociáveis à individualidade da pessoa e ao seu desenvolvimento enquanto cidadão (MIRANDA, 2006).

Toda a afirmação destes direitos requer um reconhecimento da diferença, uma maior tolerância e uma comunicação adaptada. Os direitos culturais defendem o reconhecimento do direito ao usufruto da cultura como expressão da liberdade e como ferramenta de aprendizagem que permite melhorar a qualidade de vida, independentemente de serem ou não portadores de deficiência.

Seguindo a linha de pensamento de Miranda, o direito de acesso aos bens culturais está longe de ser uma incumbência unicamente estatal. Aliás, como refere o supramencionado autor, a concretização deste direito deve resultar de uma colaboração de vários agentes, tais como “órgãos de comunicação social, as associações e fundações de fins culturais, as coletividades de cultura e recreio, as associações de defesa do património cultural, as organizações de moradores e os outros agentes culturais” (MIRANDA,2006:13). No entanto, é inegável a importância do Estado enquanto financiador e promotor de políticas culturais¹².

A inclusão e acessibilidade de pessoas com NES ao mundo cultural, teve início nos anos 80 do século XX (SANTOS, 2011). Deste modo, nas últimas décadas, em especial no universo dos museus, tem-se debatido o tema da inclusão cultural. Aqui, o sujeito social torna-se uma das principais preocupações, voltando-se assim o museu para um maior envolvimento cultural da sociedade na sua diversidade, o que conduz à prática de uma cidadania cultural ativa.

¹² Como, aliás, resulta do catálogo de direitos económicos, sociais e culturais, contido no artigo 73.º e seguintes da Constituição da República Portuguesa, onde se demanda um conjunto de ações ao Estado de forma a que este consiga assegurar o acesso a estes direitos e promover a sua expansão.

2.3. Os desafios atuais dos museus na promoção da inclusão.

Tal como a sociedade, os museus estão em constante mudança, tendo de acompanhar o ritmo e os novos desafios que esta lhes coloca diariamente (GOMES e CUNHA, 2013). Se durante séculos os museus alicerçaram a sua atividade na raridade dos seus espólios e na sua autenticidade histórica e cultural, este cenário tem vindo a alterar-se com as profundas transformações que ocorreram na museologia, nas últimas décadas, podendo afirmar-se que as origens desta mudança de rumo se localizam no reconhecimento da função social dos museus que teve lugar no *Seminário Regional da UNESCO sobre a Função Educativa dos Museus, no Rio de Janeiro, em 1958*.

Com a transição da Nova Museologia para a Museologia Social ou Sociomuseologia, “o eixo central do processo de patrimonialização é constituído pelo sujeito, as suas circunstâncias e a diversidade cultural que resulta da capacidade criativa e de adaptação ao meio” (SANCHO QUEROL, 2013:165).

A partir de aqui a sua natureza de instituições de reconhecimento, compreensão salvaguarda do património cultural tem vindo a ser reforçada por uma natureza mais democrática, reconhecendo, assim, que os museus são espaços privilegiados para a educação, para a construção das identidades e da cidadania cultural.

Com o amadurecimento do papel social do museu, têm-se desenvolvido políticas culturais, e com a afirmação da sua importância como instituições de lazer cultural e de educação não formal tem aumentado também a sua responsabilidade social. Os museus têm um papel fundamental relativamente à afirmação da igualdade, e ao impacto que têm nas mudanças sociais, tornando-se num espaço onde os seus públicos podem desenvolver potenciais e capacidades, o que conduz a uma participação ativa na sociedade (COLEMAN, 2015).

Os desafios que se apresentam são constantes. Trata-se de um grande processo de aprendizagem e mudança, que vai provocar uma profunda transformação das práticas museológicas, e que se traduz na necessidade de uma profunda reestruturação em todas as funções museológicas, com especial relevo para a área da comunicação.

O apoio do Estado é imprescindível para a concretização destas iniciativas, pois é sua função intervir para diminuir as desigualdades sociais, executando e reforçando políticas

culturais voltadas para a inclusão, de modo a, que se possa responder e atender às necessidades culturais da população, pois a inclusão no ramo cultural desenvolve-se como um pilar condutor e integrador para a formação de uma sociedade mais inclusiva e com um exercício de cidadania e de usufruição cultural mais ativa.

Ao longo deste estudo realizado por Coleman, foi possível identificar em diversos profissionais de museus atitudes hesitantes a esta mudança de paradigma, pelo facto de não se sentirem preparados para “perder *um status cultural*”, *status* esse que não se enquadra mais nos desafios que a sociedade lhes coloca, e que afasta o museu dos cidadãos e cidadãs que com ele partilham o dia a dia, o território, o património (COLEMAN, 2015).

Existem ainda muitas críticas relativamente à inclusão cultural. Há profissionais que acreditam que esta mudança poderá desviar os museus da sua meta principal e que acabará por colocar as suas coleções em risco, retirando o seu rigor científico (INCLUDING MUSEUMS, 2015).

Factos como o referido reforçam a necessidade de nos debruçarmos sobre este tema em profundidade, demonstrando, por um lado, as suas potencialidades e, por outro, que não só não implica a perda da qualidade de informação, como contribui para um maior impacto do trabalho dos museus na sociedade, permitindo atingir novos públicos, cumprir melhor a sua missão, comunicar de forma mais transversal, inclusiva e eficaz.

É importante reconhecer que a variedade dos seres humanos é enorme (raça, género, faixa etária ...), assim como a forma como utilizam os seus sentidos e as suas potencialidades em instituições culturais como os museus, sendo, por isso, preciso haver adaptações e mudanças para oferecer a mesma oportunidade a todos/as. É também importante, que os museus reflitam sobre o poder cultural e social que detêm em cada uma das suas opções e ações, assumindo a sua responsabilidade enquanto agentes de transformação social, e fornecendo os instrumentos necessários para o exercício de uma cidadania cultural, onde todos/as são incentivados/as a participar e a viver plenamente cada experiência cultural usufruindo das vertentes pedagógicas, de partilha e de socialização (IMP, 2004).

Os museus precisam de continuar a trabalhar de forma a conseguirem atrair e integrar diferentes públicos no seu espaço, pois constituem-se como ferramentas privilegiadas de diálogo entre a sociedade, o território e os diversos tipos de património. Para que este diálogo resulte

devem possuir um profundo conhecimento da sua equipa, das coleções e do seu público, e também desenvolver a sensibilidade e as capacidades adequadas para lidar construtivamente com os desafios que aqui referimos.

Num quadro geral em Portugal verificam-se alguns casos de boas práticas na área da acessibilidade cultural, destaco aqui alguns exemplos das boas práticas aplicadas.

A Casa Fernando Pessoa, atravessou um processo de remodelação do seu espaço, bem como, procurou encontrar soluções para tornar este espaço mais acessível a todos. Este processo iniciou após um diagnóstico de acessibilidade realizado pela associação cultural *Acesso Cultura*, que possibilitou a todos os funcionários da Casa Fernando Pessoa ficaram mais conscientes e mais alerta para estas questões. Após o término da remodelação procuram criar iniciativas, de forma a garantir a acessibilidade para além da física, tal como, a realização de visitas em Língua Gestual Portuguesa e visitas com audiodescrição.

A Fundação Calouste Gulbenkian criou a iniciativa *PARTIS* que apoia, através de financiamentos as organizações que desenvolvem projetos que utilizam as práticas artísticas (plásticas, audiovisuais e/ou performativas) para promover a inclusão social. Neste contexto, desenvolveu um conjunto de projetos que, através da arte, promovem a transformação social, com o objetivo de proporcionar igualdade de oportunidades para todos.

O Museu de Leiria também tem sido reconhecido pelas boas práticas, o seu projeto museológico e museográfico foi desenvolvido para garantir a acessibilidade a todos os públicos, eliminando barreiras físicas e sociais, contando com a parceria do CRID - Centro de Recursos para a Inclusão Digital, integrado no Instituto Politécnico de Leiria, que proporcionou um conjunto de funcionalidades que o museu dispõe, tais como: áudio-vídeo-guias em quatro línguas, soluções multimédia, guiões para os filmes sem locução, guiões em Sistema Pictográfico Comunicacional e em Braille.

2.4. Desafios do MNMC no campo da inclusão cultural.

O MNMC é um dos grandes exemplos na área da inclusão cultural em Portugal. Desde 2011 tem vindo a desenvolver e a criar um conjunto de projetos e de programas inclusivos e de interação com a comunidade local e regional. Estes projetos contemplam uma grande diversidade de públicos alvo, pois o museu constitui-se como um espaço de todos e para todos, e um dos seus grandes desafios consiste precisamente em ser um espaço verdadeiramente inclusivo.

Reconhecido várias vezes pelas boas práticas, tanto ao nível da inclusão, como ao nível da acessibilidade, o MNMC considera uma das suas principais metas tornar a arte acessível através do conhecimento das coleções, visando assim uma aproximação a públicos cada vez mais heterogéneos.

Em 2015 recebeu o *Prémio Acesso Cultura 2015*, com o projeto *EU no musEU*, distinguido com uma Menção Honrosa, que envolveu as três valências da *Acesso Cultura*: a física, a social e a intelectual.

Em 2018, recebeu novamente uma *Menção Honrosa de Acessibilidade Integrada* do *Acesso Cultura*, pois tem vindo a garantir o acesso ao seu espaço e à arte, a público com incapacidade intelectual, permitindo assim o reconhecimento e desenvolvimento das suas capacidades sociais e culturais. Este trabalho tem vindo a ser desenvolvido pelo MNMC e pela Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão com Deficiência Mental (APPACDM) de Coimbra, e constitui uma forma de trabalhar a acessibilidade de um modo consistente e alargado, pelo que é merecedor de uma Menção Honrosa na área da Acessibilidade Integrada pelo projeto *Imagens que Guiam*.

O museu tem hoje um conjunto de projetos e programas destinados a integrar diferentes públicos no seu espaço, assim como a relacionar-se, com as suas coleções, adaptando-se às suas necessidades e utilizando ferramentas de comunicação aumentativa.

O projeto *Construa Pontes e Não Barreiras* é o resultado de um protocolo de colaboração celebrado entre o MNMC, a APPACDM de Coimbra, e a Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. Este projeto é direcionado para a população com deficiência mental e multideficiência. O objetivo é tornar a arte acessível a este grupo de pessoas (ANACED, 2013).

Apontando sempre o reconhecimento da diferença, o MNMC, de modo a auxiliar o processo de visita dos públicos com deficiência visual ou baixa visão, dispõe de uma *Maqueta acessível*. A maqueta é um instrumento multissensorial que serve para a apreensão e exploração do criptopórtico romano. Foi construída pelo Dr. Carlos Santos, técnico superior do museu, em colaboração com a Delegação de Coimbra da Associação de Cegos e Amblíopes de Portugal (ACAPO).

Relativamente à aproximação do museu à comunidade, e de forma a incluir todos/as, crianças, jovens e adultos, o projeto *NÓS no musEU*, tem como missão, consciencializar para a cultura e para o património (móvel, imóvel, material e imaterial), através da fruição do espólio do museu e da sua contextualização histórica. Este projeto surgiu como resultado de uma colaboração entre o MNMC e a Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra (FPCE-UC). As visitas são realizadas com grupos com especificidades diferentes, havendo uma grande flexibilidade e adaptação às especificidades de cada grupo de participantes, procurando sempre corresponder às suas necessidades.

Um outro desafio do museu consiste em fomentar o envelhecimento ativo e saudável, e promover o diálogo intergeracional. No cruzamento destes objetivos surgiu o projeto *Os avós do Museu*, como resultado de uma parceria entre o MNMC, o consórcio Ageing@coimbra e a Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro (CCRDC). Este promove o diálogo intergeracional na programação do MNMC, reunindo avós/ôs e netos/as numa visita ao espaço museológico que se traduz num momento de leitura ou narrativa de contos, e que impulsiona a criação de um lugar de aprendizagem através da partilha de afetos, emoções, sensações e vivências entre gerações, através da obra de arte.

No compromisso de assegurar a acessibilidade em todas as suas dimensões, o MNMC pretende reforçar o seu papel enquanto agente ativo ao nível da intervenção comunitária. No entanto, o museu dispõe ainda de outras iniciativas que visam também a promoção da inclusão cultural. Este é o caso da atividade *A visita da Memória*, realizada no Dia Mundial da Doença de Alzheimer, onde são realizadas vistas inclusivas preparadas pelos(as) cuidadores(as) informais, criando um percurso de partilha de memórias através de obras de arte integradas nas coleções do museu. Trata-se de uma parceria entre o MNMC e a Alzheimer Portugal.

Um dos maiores entraves ao desenvolvimento destes projetos é a falta de recursos financeiros, e de recursos humanos especializados. Deste modo, todos os projetos e programas

têm contado com o apoio de voluntários e de muito esforço por parte da equipa do MNMC, estando, no entanto, disponível para novas propostas e para o acolhimento de novos públicos.

Finalmente, resta ainda mencionar os dois grandes projetos do museu, que foram escolhidos para serem estudados em profundidade no presente relatório do mestrado: o programa *EU no musEU*, um projeto de estimulação cognitiva e social para pessoas com défice cognitivo, demência e seus/suas cuidadores/as informais E o projeto *Imagens que Guiam*, um projeto de comunicação acessível com guiões que acompanham a explicação da obra de arte ou que permitem que o visitante a explore e interprete de uma outra forma, à sua medida.

No capítulo seguinte iremos analisar em profundidade estes dois projetos, desde o seu planeamento e desenvolvimento, até ao seu impacto e influência como mediadores de cultura, cidadania, e da proximidade com a arte.

II. CAMPO PRÁTICO

CAPÍTULO III: 2 Projetos de Inclusão Cultural no MNMC

3.1. O início do processo de inclusão no MNMC.

De forma a compreender melhor o início do processo de inclusão no museu, e dada a carência de fontes documentais sobre o assunto, optei por utilizar como metodologia de pesquisa a entrevista semiestruturada, tendo entrevistado: a Dra. Ana Alcoforado – Diretora do MNMC e conservadora da coleção de escultura, e a Dra. Virgínia Gomes – Coordenadora dos projetos de inclusão do MNMC e conservadora das coleções de pintura, gravura e desenho, para deste modo, obtermos dados mais precisos sobre o tema.

Da análise das conversas resultaram as seguintes informações chave sobre a matéria:

O MNMC atravessou um processo profundo de remodelação após a sua qualificação num concurso público internacional em 2000. Esse período assinala um momento de viragem da própria instituição, pois com esta remodelação foi necessário começar a desenvolver e a compreender o que definia e o que era próprio deste museu, o que se revelou muito importante para a construção do seu programa.

Após compreender a sua essência, a equipa percebeu que o facto de o museu estar assente sobre uma estrutura que é a mais antiga da cidade, o Criptopórtico Romano de Aeminium, um local de exercício de cidadania e de arte, o museu devia continuar a assumir a sua natureza a este nível.

O arquiteto Gonçalo Byrne tornou o pátio do museu acessível, para que todas as pessoas pudessem entrar, independentemente de irem visitar ou não o museu, para usufruírem do espaço e da vista para a cidade. Sendo a própria estrutura do museu muito antiga, procuravam com esta remodelação que o conjunto de edifícios tivesse acessibilidade física total.

Após as obras, o museu ficou com acessibilidade física total (exceto no Criptopórtico, que não se inclui nessa classificação por ser uma ruína), pelo que o passo seguinte foi estruturar uma programação inclusiva, para assim atingir os vários níveis de acessibilidade e, estruturar programas, como o realizado, em 2001, por Virgínia Gomes, destinado a jovens presos do Centro Educativo dos Olivais (CEO/DGRSP), cujo contacto foi retomado em 2010, por Fernanda Alves (conservadora das coleções de ourivesaria, joalheria, escultura em madeira e mobiliário), resultando numa parceria de sucesso.

O objetivo seguinte foi trabalhar em projetos para diversos públicos, oferecendo a oportunidade para que estes se apropriassem do conhecimento e conteúdos do museu, o que se pode traduzir em diferentes processos de interação cultural.

Entretanto, durante o período em que esteve encerrado ao público, o museu já dispunha de alguns projetos de inclusão de forma a não perder o contacto com o público. Destaca-se assim o projeto do *Museu Portátil*, que levava o museu a instituições escolares e de outro tipo de instituições.

No que se refere ao projeto museológico definiu-se como objetivo fundamental tornar acessível toda a informação a diversos níveis, contextos e públicos. Foi a partir de 2011 que começaram a ser delineados alguns projetos, tendo como primeiros passos a procura do contacto com o público e com instituições.

Mas o que foi primordial para o início da construção da inclusão no MNMC foi a vontade que o museu teve em ser um espaço para todos/as, não só a nível físico, mas também em resposta à necessidade da própria comunidade de se querer apropriar deste espaço, mediante diferentes acordos que permitiram a colaboração externa.

Este caminho foi delineado envolvendo a comunicação com outras instituições e com a comunidade, e tornou-se tão distinto porque acabou por abranger muito mais do que o público com necessidades especiais, abrangendo todo um universo em redor, como as famílias, amigos, estudantes, voluntários, entre outros.

Segundo a Diretora do Museu, os principais obstáculos, são a falta de recursos humanos e financeiros, que têm sido superados com a criação de laços com instituições parceiras e voluntários, que passam assim a integrar a comunidade do museu.

3.2. “EU no musEU”

3.2.1. Estrutura, metodologia e objetivos.

EU no musEU é um programa de estimulação cognitiva e social para pessoas com défice cognitivo, demência, (designadas pela DSM-5¹³ por perturbações Neurocognitivas do tipo Doença de Alzheimer) e seus/suas cuidadores/as informais. Resulta de um protocolo de colaboração entre o MNMC e a Associação Portuguesa de Familiares e Amigos dos Doentes de Alzheimer (APFADA). Desenvolve-se desde 2011 a partir do modelo de estimulação cognitiva aplicado pelo Museu de Arte Moderna de Nova Iorque (MoMA), EUA divergindo dele desde o início quanto à atenção específica prestada aos seus cuidadores.

Esclarece Virgínia Gomes que o EU no musEU se escreve assim porque o nome tem o propósito de refletir a missão do programa. EU, pessoa com perturbação neurocognitiva, o seu cuidador informal e a equipa mediadora, revemo-nos no museu, no seu espaço, nos seus conteúdos e nos seus significados, através da descoberta, da recuperação de memórias (emocionais ou outras), da reconstrução de identidades (culturais ou outras). A escolha dos dois “EU” em maiúscula é porque estes se refletem, ou seja, eu revejo-me no espaço do museu.

Este programa surgiu devido a uma sugestão de uma cuidadora informal, que pediu ao museu para replicar o projeto *Meet me at MoMa* desenvolvido no MoMA. O MNMC considerou esta proposta como uma oportunidade para se abrirem novos caminhos de interação com a comunidade, tendo também a consciência da situação demográfica em Portugal, ou seja, o aumento da esperança média de vida e o envelhecimento cada vez mais acentuado (GOMES, 2016).

Deste modo, o MNMC procurou alguns parceiros, com grande conhecimento científico e experiência com estas patologias, com o objetivo de dar formação à equipa responsável pelo novo programa. Estabeleceu-se assim a pareceria com a APFADA, cuja representante e coordenadora científica desde 2015, é a neurologista Isabel Santana. O MNMC é representado pela coordenadora técnica dos projetos e programas de inclusão e conservadora das coleções de pintura, gravura e desenho, Virgínia Gomes. Neste mesmo contexto, o MNMC estabeleceu

¹³ Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders

também parceria com o Museu da Ciência da Universidade de Coimbra (MCUC), em 2019 (GOMES, 2018).

De imediato, a equipa do EU no museu entendeu que a realidade americana é muito distinta da realidade portuguesa, e apesar do *Meet me at MoMa* ter servido de modelo para a construção deste programa, o EU no museu foi planeado a pensar na realidade portuguesa.

Este programa é destinado a pessoas com doenças do foro cognitivo: “*Podem participar no programa pessoas com outras doenças que impliquem declínio cognitivo, no âmbito das PNC, tal como são descritas no DSM-5-Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders, da American Psychiatric Association, com maior ou menor comprometimento de memória, em fases precoces e intermédias da doença*” (GOMES, 2018: 87).

A sua equipa é composta por uma coordenadora técnica, uma coordenadora científica, cuidadores formais em sessão¹⁴ e dinamizadores. Grande parte desta equipa é composta por voluntários de diferentes áreas académicas. Quando entram no projeto recebem formação da Alzheimer Portugal, e também da coordenadora técnica do museu.

Uma das mais importantes decisões foi constituir dois grupos, o grupo dos participantes composto por pessoas com PNC. E o grupo dos cuidadores/as informais, constituído por familiares ou por pessoas que cuidam de alguém com PNC. Desta forma, o segundo grupo goza assim de um espaço de socialização, para poder descontraír, pois muitas vezes estas pessoas abdicam da sua vida pessoal em prol do cuidado de alguém querido (GOMES, 2018: 87).

Caracterização dos Grupos	
Participantes com PNC	Cuidadores Informais
Público com défice cognitivo no espectro da Doença de Alzheimer e socialmente excluído e autoexcluído, devido à natureza da patologia.	Público que cuida de pessoas com défice cognitivo da Doença de Alzheimer, com baixo nível de socialização.

¹⁴ Pessoas das várias áreas do conhecimento, voluntárias, que acompanham o participante com PNC durante as sessões.

Relativamente aos métodos utilizados, é importante salientar que todas as sessões do EU no musEU, exigem um bom planeamento e trabalho em equipa. Na sessão dos/as participantes o objetivo principal é a reinterpretação da obra de arte, ou seja, relacionam a obra de arte e a sua mensagem, com as suas próprias vivências, resgatando assim algumas das suas memórias emocionais, bem como, desenvolver o treino cognitivo e o bem-estar de pessoas com situações no espectro da Doença de Alzheimer, promover a educação não formal dos seus cuidadores, através da fruição de obras de arte e do enriquecimento cultural, com vista ao envelhecimento ativo e saudável e promover a cidadania e a integração social na demência.

São utilizadas grelhas de observação que são atribuídas aos cuidadores formais e informais, onde o/a cuidador/a formal avalia o desempenho e o bem-estar do/a participante durante a sessão, e o/a cuidador/a informal faz esta mesma avaliação num contexto pós-sessão.

Os objetivos do EU no musEU são: fomentar o envelhecimento ativo; promover o bem-estar e a inclusão cultural de pessoas com défice cognitivo, demência e dos/as seus/suas cuidadores/as informais; e estimular ao nível cognitivo as pessoas com défice, demência e dos/as seus/as cuidadores/as informais, mediante a fruição e (re)-interpretação de obras de arte do MNMC.

No período de Pandemia SARS-COV 2, a equipa do *EU no musEU* procurou alternativas para dar continuidade ao programa, deste modo, as sessões passaram a assumir um formato digital, o que se tornou numa mais valia para todos/as os/as que integram e participam do programa, atingindo uma maior quantidade de público-alvo. No quadro seguinte podemos observar o número de pessoas inscritas em 2011 em ambos os grupos, e o número de pessoas de cada grupo que se mantêm no programa desde 2020, antes e depois da pandemia.

	Participação nas sessões	
	Participantes com PNC	Cuidadores Informais
2011 (Início do Projeto)	4	4
2020 - até março (Pré-pandemia)	12 (máx)	17 (máx)
2020 - depois de março (Em Pandemia SARS-COV 2)	8	26

3.2.2. O decorrer do processo

Como analisamos anteriormente, o EU no musEU é um programa único, pois tem as suas especificidades, adaptando-se às características do seu público. As sessões decorrem entre outubro e julho, uma vez por mês. As sessões seguem os temas definidos anualmente pela UNESCO. Um dos grandes desafios deste programa é adaptabilidade dos referidos temas às necessidades específicas do seu público e às coleções dos museus envolvidos. Os temas da sessão são também adaptados à proximidade de datas comemorativas, como por exemplo, o natal, a páscoa, o dia da mulher, o dia o pai, entre outros.

Como referido anteriormente, foram estabelecidos dois grupos: o grupo dos participantes, e o grupo dos cuidadores informais. Na sessão dos participantes, o principal objetivo é a reinterpretação da obra de arte, respeitando o ritmo de cada participante, que está acompanhado pelo seu cuidador formal em sessão. Nesta sessão estão três dinamizadores/as: Virgínia Gomes do MNMC, Doutor José Cid do Museu da Ciência da Universidade de Coimbra (MCUC) e o contador de histórias José Craveiro, voluntário do EU no musEU.

No grupo dos cuidadores informais, as obras de arte são analisadas no seu contexto histórico, numa perspetiva estética e artística, numa perspetiva de educação não-formal em idade adulta. O grupo de dinamizadores é constituído por Carlos Santos, técnico superior do MNMC, pelo voluntário e historiador de arte, Raúl Mendes, pela conservadora da coleção de Antropologia do MCUC, Carla Coimbra, pela voluntária e facilitadora de biodanza, Mafalda Vergueiro e, por vezes, pela voluntária, facilitadora de *mindfulness* e professora da Faculdade de Psicologia da Universidade de Coimbra (FPCEUC) Margarida Pedroso Lima.

As sessões são mensais e, antes de cada sessão, há reuniões destinadas ao seu planeamento, designadas de “reuniões pré-sessão”, onde toda a equipa é convocada e se debate todo o desenrolar da sessão. Por exemplo, a definição de um tema principal para ambos os grupos, a seleção das obras de arte a apresentar e a distribuição de tarefas, ficando tudo registado em ‘ata’¹⁵. Dentro das tarefas podemos destacar, entre outras: a confirmação da presença dos participantes; requisição do transporte à APOSENIOR de Coimbra, para aqueles/as que necessitam; elaboração de panfletos para entregar aos cuidadores informais, de modo a que eles

¹⁵ Resumo da reunião que é divulgado a toda a equipa, via e-mail do projeto.

tenham conhecimento do que foi trabalhado na sessão dos participantes; e a preparação em equipa das prestações dos dinamizadores na respetiva sessão.

No dia da sessão, a equipa reúne antecipadamente para preparar as salas e o acolhimento. O acolhimento ocorre antes da sessão. Os/as participantes e seus cuidadores/as informais vão chegando e são recebidos de imediato pelos cuidadores formais em sessão. A partir do momento em que está no museu, o participante fica ao cuidado dos segundos. No acolhimento é servido um lanche para que todos/as possam conviver entre si, celebrar aniversários, mostrar bens que lhe sejam queridos (um poema, uma pintura), expressar-se através de emoções e/ou afetos, e explicando o que vai acontecer a seguir.

Na hora da sessão o grupo dos participantes fica no MNMC, e o grupo dos cuidadores informais vai para o MCUC, sempre acompanhados dos seus dinamizadores. No fim da sessão, a equipa do *EU no musEU* reúne para analisar o decorrer da sessão com profundidade, ficando também tudo registado em ‘ata’.

O *EU no musEU* foi distinguido com prémios e menções e referências em manuais como boa prática cultural para o envelhecimento ativo, surge mencionado no Manual de Boas Práticas da ANACED desde 2012; foi distinguido com a Menção Honrosa do Prémio Acesso Cultura de 2015, para a acessibilidade física, intelectual e social; está referenciado como Boa Prática Cultural no *Relatório de Atividades da Comissão Nacional para os Direitos Humanos 2017*; foi distinguido com o Primeiro Prémio, na categoria Vida+, do concurso de Boas Práticas de Envelhecimento Ativo e Saudável na Região Centro (2018), promovido pela Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Centro (CCDRC) em colaboração com o consórcio Ageing@coimbra; e em 2019, no âmbito do Prémio Acesso Cultura entregue ao MNMC pelos seus projetos de inclusão, no âmbito da acessibilidade integrada, o *EU no musEU* foi mencionado pelo júri como projeto inovador e transversal.

O meu papel enquanto estagiária cruza os objetivos principais do projeto com o objetivo principal deste relatório tendo participado de um total de 10 sessões (6 acompanhando o grupo dos Cuidadores/as Informais nas sessões, e 4 já num período de Pandemia Covid-19, colaborando igualmente na edição das sessões em formato digital). Particpei em todas as fases e processos do projeto, tal como: a participação nas reuniões pré e pós sessão; a elaboração das ‘atas’ das reuniões; a elaboração da lista de presenças e a solicitação do transporte; a preparação

das salas e do acolhimento das sessões. Participei igualmente em outras atividades no âmbito do projeto, como por exemplo, a elaboração de brindes.

Objetivos <i>EU</i> <i>no musEU</i>	<ul style="list-style-type: none">- Fomentar o envelhecimento ativo;- Promover o bem-estar e a inclusão cultural de pessoas com défice cognitivo, demência e seus/suas cuidadores/as informais;- Estimular ao nível cognitivo as pessoas com défice cognitivo, demência e seus/as cuidadores/as informais, mediante a fruição e (re) interpretação de obras de arte do MNMC.
Objetivos Estágio	<ul style="list-style-type: none">- Observação Participante (Moderada).- Construir guiões de entrevista semiestruturada.- Entrevistar os/as cuidadores/as de pessoas com perturbações neurocognitivas, para identificar o impacto do <i>EU no musEU</i> na promoção da sua relação com a cultura e com a arte.

3.2.3. Impactos e resultados.

Como instrumento de avaliação qualitativa para analisar impactos e resultados do projeto *EU no musEU*, utilizei as entrevistas semiestruturadas. Esta ferramenta foi aplicada a três cuidadores/as informais de pessoas com perturbações neurocognitivas.

Foi criado um guião de entrevista conciso, com um total de 10 questões, organizadas segundo três objetivos: 1º Avaliar o envolvimento dos cuidadores/as informais com o meio cultural antes da entrada; 2º Compreender qual a motivação inscrição no projeto e inerentes expectativas; 3º Conhecer quais as alterações e impactos que os/as cuidadores/as informais verificaram e/ou sentiram após a entrada no projeto relativamente ao seu envolvimento com o meio cultural, para deste modo, obter dados e respostas que permitissem fazer uma avaliação do impacto do *EU no musEU* na promoção da relação dos cuidadores/as informais com a cultura e com a arte.

No cumprimento da Lei 58/2009, de 8 de agosto, que assegura a execução do Regulamento Geral de Proteção de Dados (EU) 2016/679, de 27 de abril de 2016, designado por RGPD¹⁶, visando a proteção de dados dos entrevistados, os nomes ou qualquer tipo de identificação foi codificado e deste modo, foram determinadas as seguintes abreviaturas: **A:** Homens; **B:** Mulheres; **Numeração:** Conforme a ordem cronológica em que foram realizadas as entrevistas.¹⁷

Perfis dos/as entrevistados/as				
Entrevistados/as	Sexo	Idade	Nível de formação	Portador de deficiência
B1	F	75	Licenciatura	Não
A1	M	77	Mestrado	Não
A2	M	50	Mestrado	Não

Questões
1. De uma forma geral, considera os museus portugueses acessíveis e inclusivos? Porquê?
2. Quais os últimos museus que visitou?
3. Porque se inscreveu neste Projeto de Inclusão?
4. A sua participação mudou a sua relação com a cultura, com os museus ou com as obras de arte?
5. O que significa para si agora ler/interpretar uma obra de arte?
6. Quais eram as suas expetativas quando se inscreveu?
7. De que é que gostou mais?
8. Se pudesse mudar alguma coisa, o que mudaria?
9. Se pudesse resumir a sua experiência em uma frase, qual seria?
10. Que conselhos daria a quem aderir a um projeto de inclusão em espaço museológico?

¹⁶ <https://eur-lex.europa.eu/legal-content/PT/TXT/?uri=CELEX%3A32016R0679>

¹⁷ A transcrição das entrevistas, não constará em anexo, devido ao cumprimento da proteção de dados.

Após a realização das entrevistas, foi iniciada a análise dos dados utilizando a análise do conteúdo. A primeira etapa a realizar, foi a familiarização com os dados, ou seja, a transcrição das entrevistas e a seleção simultânea das ideias principais. Concluída a primeira etapa houve uma leitura intensiva dos dados das entrevistas e a recolha dos aspetos mais relevantes de cada resposta para a respetiva pergunta, que refiro a seguir:

Questão 1	
De uma forma geral, considera os museus portugueses acessíveis e inclusivos? Porquê?	
B1	Sim, pelo menos os que eu conheço sim. (...) Olhe por exemplo, este daqui é inclusivo porque usa, tem a preocupação connosco e com outros, porque tem a preocupação de nos incluir, pronto a nós, em todas as atividades do museu e concretamente naquelas que estão abrangidas dentro do projeto. E eu estou também atenta a muitas outras atividades que eles têm, e com as crianças, com teatro, com música e agora de momento não me lembro de mais, mas pronto essas estão de certeza.
A1	Eu não tenho o contacto generalizado com a maior parte dos museus, para lhe dar uma resposta global, mas em relação à, acho que tem essas características, por exemplo, o EU no musEU, é a experiência mais direta que eu tenho. (...) Justamente, tem essas duas características, pelo menos pela prática que tenho. (...)
A2	(...) Eu penso que ainda há um trabalho a fazer por parte dos museus na atração das pessoas, sinceramente, particularmente nas gerações mais jovens. Hoje as pessoas vivem num mundo muito digital e esquecem-se de ir ao local onde estão realmente as obras, onde está exemplares, onde está originais e acabam por, pensar que através da internet, ou através de imagens, ou através de visitas virtuais conseguem a mesma coisa do que estar no local. Talvez, aí também não vou dizer que os museus (...) pararam no tempo, mas acho que há e devia haver um esforço em puxar as pessoas. (...) Eu provavelmente tive o privilégio de o meu pai ser uma pessoa que me levou a museus e eu já me sinto relativamente à vontade em visitar museus, foi uma coisa que eu sempre fiz e para a qual eu estou bastante sensibilizado, portanto, e estou em contradição comigo próprio, porque é que eu nos últimos anos não visitei mais museus e de facto, o maior banho que levei de museus nos últimos tempos foi a ida ao EU no musEU, eu também já tinha visitado o Museu

Machado de Castro, porque sou natural de Coimbra sempre vivi em Coimbra até aos meus 28 anos e por isso visitava museus com alguma regularidade, depois adquiri uma farmácia em X, e por isso neste momento estou a viver em X, e de facto passei a ser muito menos frequentador, há um museu ou dois em X que eu ainda não visitei, em Viseu já visitei o Grão Vasco, mas também foi por acaso numa apresentação do EU no musEU, que também fazem em Viseu. E a questão que eu coloco um bocadinho é: - Se a culpa de não visitar os museus desde há 20 anos para cá, desde que comprei a farmácia, é minha ou se também é um bocadinho culpa também de não haver uma tentativa de atração dos museus. Eu acho que é um bocadinho da partida, também é minha a culpa, obviamente que o museu não pode ir a minha casa, ou não pode obrigar-me a ir lá, mas também acho que haveria um caminho ainda a percorrer da aproximação, da tentativa de captação, porque um museu não pode ser só visitado por investigadores ou por estudantes, acho que isso é um bocadinho limitativo não é? É claro que eu sou da opinião de que, incutir o gosto pela cultura, pela arte, pelo património deve ser o quanto antes, quanto mais cedo fizermos isso com os estudantes, já na escola primária, mais eles vão respeitar os nossos valores culturais, a nossa herança cultural quer seja material quer seja imaterial (...) Razoavelmente, sim a resposta tem de ser positiva, pronto, já se nota algum esforço nesse sentido, eu acho que também os próprios museus se aperceberam que tinham de fazer esse esforço, da aproximação à comunidade. Eu acho que ainda há um caminho a percorrer mas estão mais inclusivos, eu noto isso, têm, através da internet uma pessoa vê que há, e às vezes em espetáculos realizados em espaços próximos dos museus, acho que até há um concurso de piano em Coimbra todos os anos, em que uma das sessões é feita no museu Machado de Castro naquele piano que está logo na entrada, a tentativa de captar a comunidade para dentro dos museus isso é muito importante. Acho que a resposta é positiva, sim, mas ainda há um longo caminho a percorrer.

Questão 2	
Quais os últimos museus que visitou?	
B1	Olhe o último que visitei fora foi o Prado, foi agora quando ele fez 100 anos, 100 anos? Acho que foi 100 anos. (...) Aqui vou de vez em quando ao Gulbenkian, vou... fui ao Grão Vasco, e mais quê? Neste último ano fui a muito poucos, depois entretanto também, quando era para nós sairmos fechou tudo, mas estou sempre atenta. (...) Pronto e é de facto uma área que me interessa muito.
A1	Os últimos museus, para além do EU no musEU tenho feito aquelas visitas ao Museu da Ciência, às secções de ciência, química e antropologia. Já visitei vários museus por exemplo, a National Gallery em Londres, nas viagens normalmente proporcionava-se, também fui ao Museu Picasso em Barcelona, fui ao Louvre, já tive nos museus do Vaticano.
A2	Olhe foi o museu Grão Vasco, foi à Misericórdia em Viseu, o Machado de Castro, o Museu da Ciência, o de Antropologia. Penso que foi estes em 2020, naquelas últimas sessões no Museu da Ciência, no Gabinete de História Natural, pronto foi esse núcleo museológico que por convite do EU no musEU, foram esses os últimos que visitei.

Questão 3	
Porque se inscreveu neste Projeto de Inclusão?	
B1	Porque o meu X, era uma pessoa muito vocacionada para tudo quanto era arte, era uma pessoa com uma destreza manual muito grande e visitávamos muitos museus, tinha um interesse muito grande por tudo quanto era trabalhos em madeira. Ficou doente e a professora X sugeriu-me, que era uma coisa que ele iria gostar muito, era integrar-se no museu, no projeto EU no musEU. Penso que de todos que ainda lá estão, que sou a mais antiga (...) Que estou desde o início do projeto. (...) O meu X deixou de ir, ficou mais doente (...) Eu continuei sempre a ir e continuo enquanto puder. (...) Eu já depois disto estive em Nova York, estive no MoMa, e têm um projeto lá que penso que foi a base deste cá (...) E, soube-me imenso saber lá a razão por que tinham criado este movimento (...) a base é a mesma e o trabalho é o mesmo. (...) Mas dá-me muito gozo, a mim dá-me muito gozo.

A1	A minha X começou a ter problemas, a situação começou a agravar-se em relação, digamos ao Alzheimer, e nós contratamos uma psicóloga clínica, que nos contactou e nos aconselhou a que nos abeirássemos do EU no musEU. Ela encareceu a atuação do museu e das pessoas no contexto de solidariedade e de contacto das pessoas.
A2	Olhe isto partiu, a minha X está a fazer uma demência, que não está ainda tipificada como Alzheimer, mas tem algumas características semelhantes, a minha X anda a ser seguida da consulta de Neurologia dos Hospitais da Universidade de Coimbra, através da professora Y E foi a X que sugeriu, isto já em 2016, que nós integrássemos este programa EU no musEU, foi portanto através da professora Y, nesta dinâmica da Neurologista da minha X que nós fomos integrados neste programa, portanto, foi iniciativa da médica da minha X digamos assim. Fui sempre eu que acompanhei a minha X desde a primeira sessão até à última que foi realizada ¹⁸ , fui sempre eu que acompanhei a minha X e pronto foi assim, através da médica (...)

Questão 4

A sua participação mudou a sua relação com a cultura, com os museus ou com as obras de arte?

B1	Sim (...) eu já gostava muito, eu já estava muito ligada, só que talvez, a gente aproveita sempre, fortalece sempre, não foi estarmos no museu que me chamou à atenção para estas coisas, mas força ou reforça todo esse prazer que eu tenho em ver, em estudar. (...) É uma força muito grande, sem dúvida nenhuma, em todo o lado por onde passo faço sempre os maiores elogios porque, de facto, trouxe-me muito, e depois, manter o meu X atento a estas coisas até ao limite das suas capacidades (...) quando já pouco falava, pouco dialogava e chegávamos ao pé do museu, quando ia a sair do carro ele entendia para aonde ia, manifestava o prazer que tinha em ir lá.
A1	De certo modo é um estímulo, porque como viu eu não sou, por exemplo, há uns anos, gostaria de visitar o Museu de Arte Antiga e ainda não o fiz porque estou mais limitado, atualmente não tenho liberdade de movimentos mas estimula na medida em que chama à atenção para a importância primordial dos museus na transmissão da cultura e sobretudo pela possibilidade que nos dá de a contactar e ver as obras e não simples reproduções. Mudou, tornou mais palpável a importância dos museus na difusão da cultura.

¹⁸ A entrevista foi realizada após o estado de emergência decorrente do agravamento da Pandemia de SARS COV 2, responsável pela doença COVID 19.

A2

Reforçou o meu respeito, reforçou o meu respeito pelas obras de arte e pela cultura, como lhe disse já não era uma novidade para mim (...) Reforçou, posso dizer que mudou, nesta medida em que reforçou, mudou um pouco não é? Não vou dizer que foi uma novidade, que foi uma descoberta, mas reforçou, reforçou sem dúvida e olhe, uma coisa que devo dizer também é, o excelente desempenho e bom gosto das pessoas que nos têm feito as visitas, a Dra. Virgínia, o Dr. Cid, o Dr. Raúl, o Dr. Carlos, a Dra. Carla, nisso temos tido a sorte ou vocês que nos dão esse privilégios de serem essas pessoas a servirem de apresentação, foi muito bom, estão de parabéns pelas pessoas que escolheram que, portanto, reforçou a minha vontade de agora, com o meu X (descendente), voltarmos em força, porque eu quero também, realmente, que o meu X (descendente) também faça esse percurso de entrar, se sentir bem, de perceber o que está por trás (...) agora é tudo muito efêmero, parece que as coisas não duram, e nós temos de perceber que há coisas que duram, uma obra de arte é sempre uma coisa que fica, a sensibilidade, as emoções, isso é uma coisa que nos tem de tocar sempre e a beleza de uma obra de arte, é uma coisa que tem de se aprender a olhar para ele desde cedo. (...) A resposta é sim, dizer que fiquei na mesma, não! Veio alterar na medida do reforçar e de eu entender que é isto que nos distingue um bocadinho da barbárie e das pessoas que andam a partir, a vandalizar e penso que faz bem às pessoas, faz-nos bem enquanto seres humanos.

Questão 5	
O que significa para si agora ler/interpretar uma obra de arte?	
B1	<p>Significa conhecimento, formação interior, um prazer muito grande, tenho um prazer muito grande em ver obras de arte, em saber, em aprofundar, conhecer, acho que sim. (...) Nós de outra maneira chegamos ao museu, ou estamos com alguém que saiba muito, e não é fácil, ou então, vemos e passamos e vamos à frente (...) E ali não, temos obras para estudar. Por exemplo, eu lembro-me de uma altura que estudamos uma coluna de pedra que estava lá, de calcário, e foi muito engraçado porque foi um professor de Física que nos foi ensinar (...) como é que era a formação da pedra, e eu achei isso lindo, nunca me tinha passado pela cabeça. A gente aprende muito ali (...).</p>
A1	<p>Bom, quer dizer isso obriga a ver um certo, uma abordagem depende também do grau de cultura das pessoas, mas o ler e interpretar uma obra de arte leva a um aprofundamento dos conhecimentos e da conjugação dos conhecimentos, até das várias artes. (...) No EU no musEU encontram-se pessoas balizadas, com conhecimentos avalisados de história de arte, e que não dão uma simples interpretação impressionista da obra ou superficial por vezes, quer dizer, o cicerone é uma pessoa que é capaz de papaguear uma interpretação ou uma abordagem de uma obra, já um indivíduo com conhecimentos de história de arte já tem uma visão mais científica, mais profunda e mais sensível de uma obra.</p>
A2	<p>(...) Essa pergunta é interessante porque, talvez, a forma cuidada como nos têm sido apresentadas as obras de arte, os espaços museológicos já em tantas sessões, que eu neste momento quando olho para uma escultura, ou quando olho para uma pintura, às vezes, dou comigo a pensar o que é que diria a Dra. Virgínia, ou o Dr. Cid, ou o Dr. Carlos ou o Dr. Raúl, perante isto, aumentou o meu grau de exigência digamos assim, é curioso porque não (...) Já não olho para as coisas, provavelmente com a mesma ligeireza, ou com a mesma superficialidade que talvez olhasse antes, porque tem sido, estas sessões que fizemos foram tão boas, digamos assim, tão intensas, que me aumentaram um bocadinho a responsabilidade quando olho para as coisas, de procurar imaginar o que poderá lá estar, porque eu não sou um especialista, a minha formação nem sequer é de uma área parecida com a da Bruna, ou com a dos especialistas que realmente nos têm feito estas apresentações, acho que estou mais atento, curiosamente, estou mais atento (...) Eu leio com mais atenção as informações do que lia antes.</p>

Questão 6	
Quais eram as suas expetativas quando se inscreveu?	
B1	<p>Eu não tinha bem perspetivas. (...) mas como era uma coisa ligada à arte, pensei sempre que seria bom para ele e para mim também. (...) portanto, aquilo superou as minhas expetativas, assim de uma maneira muito grande, porque não tinha bem ideia (...) do que é que ia ser aquilo, e à medida que fomos sabendo, que fomos integrando, que fomos vivendo e que ele foi explorando as peças à medida dele (...) superou as minhas expetativas sem dúvida. (...) Porque eu quando vou à sessão, vou aprender muito e porque adoro quem lá está, dá-nos tanto e abdica tanto do seu tempo e acho que tenho a obrigação, por mim e por eles, de ir sempre. (...) Não tem explicação, só vivendo, só vivenciando aquilo. (...) são coisas muitas pequeninas mas que têm uma dimensão de carinho muito grande. (...) E são coisas que são pequeninas, os CD'S que nos dão, a preocupação de nos apresentarem trabalhos (...) acho que é tudo muito bom, pronto, é isso,</p>
A1	<p>Bom, para já, quer dizer, como não tinha uma experiência anterior e como fui confrontado com esta situação, trata-se da minha X, e digamos isto veio alterar o nosso quotidiano e as nossas relações, ela teve uma grande perda da memória e sobretudo dos conhecimentos, uma perda cognitiva, portanto as nossas relações agora são mais superficiais (...) não têm aquela profundidade que tinham. Portanto eu tinha uma certa curiosidade de saber quais eram, digamos, qual seria o enfoque dos representantes do EU no musEU, como nos poderiam acolher e portanto, e satisfazer algumas expetativas, como seja, porventura, o contacto com as obras de arte pudesse possibilitar uma maior abertura de espírito, quer dizer, em contraposição da situação de fechamento em que nós nos encontramos não é? Porque nós estávamos a restar com aquela situação mas, por outro lado, começamos por dar conta que outras famílias também têm de defrontar os mesmos problemas, ou se não são iguais são no geral aproximados. Encontramos humanos que se vivem, e nós procuramos levar a carta a Garcia¹⁹ com maior conhecimento e com maior compreensão das realidades.</p>
A2	<p>Olhe, expetativas eram ao nível sobretudo da componente da minha X, a minha X conforme eu disse anda a ser seguida na Neurologista no Hospital da Universidade de Coimbra e pronto, em termos de evolução da doença eu acho que ela estabilizou bastante, felizmente.</p>

¹⁹ *Levar a carta a Garcia*, expressão ligada à guerra Hispano-Americana, cujo sentido é “ Cumprir, eficazmente uma missão, por mais difícil ou impossível que possa parecer”.

Não melhorou, mas também não tem avançado, pelo menos não me parece, também é difícil que eu, porque estou todos os dias com ela, mas mesmo as pessoas que estão com ela de vez em quando acham que ela não está assim a evoluir tão negativamente como poderia ter acontecido. Isto foi desde 2016, a primeira consulta de Neurologia da minha X foi em inícios de 2016, portanto, já lá vão 4 anos e meio e acho que houve uma certa estabilização, talvez pela medicação, pelo acompanhamento que tem tido, e pelo esforço que nós fazemos, e isso é uma coisa que me deixa, não vou dizer aliviado porque estou sempre preocupado. Apesar de as coisas estarem estabilizadas, a minha X não é, não tem o comportamento que tinha antes, há ali uma alteração bastante notória principalmente para quem a conhecia bem, mas o facto de não estar a evoluir, assim muito depressa e era essa a minha expectativa, se me pergunta, eu nunca pensei em mim em primeiro lugar nestas sessões, realmente houve também a ideia de haver um programa também para os cuidadores, e acho isso excelente, mas eu não vou dizer que tivesse muitas expectativas porque realmente as minhas expectativas concentrei-as quase todas, no efeito, no benefício que isto pudesse ter para a minha X. Agora, a partir do momento em que começamos a ter as primeiras sessões, talvez eu também tenha começado a criar algumas expectativas em relação à minha participação e, de facto aí eu acho que até excedeu as minhas expectativas porque não estava à espera que houvesse programas, ou um programa paralelo tão bem planeado, tão bem cuidado, com voluntários e somos sempre tão bem tratados e tão bem acompanhados como fomos, aí até posso dizer que excedeu, não estava à espera realmente que houvesse ... E vocês como disse há pouco, não quero esquecer-me de nenhum nome, mas pelo menos do ponto de vista dos espaços museológicos penso que referi as pessoas todas. (...) Excedeu as minhas expectativas, pronto. Eu como lhe digo, aqui as minhas expectativas eu tinha-as concentrado só na componente da minha X, realmente é a minha grande preocupação, é a minha X, e excedeu de facto, aquilo que eu poderia pensar, vocês terem preparado, a Dra. Virgínia ter preparado um programa paralelo tão bom para nós e realmente foi uma surpresa muito boa e já não é surpresa porque isto já dura há vários anos, já é uma realidade e tem sido muito bom.

Questão 7	
De que é que gostou mais?	
B1	<p>É a capacidade deles de nos darem ternura, sabedoria e conhecimento. (...) Olhe, por exemplo, aquele piano que está lá, aquilo mexeu sempre muito comigo (...) e como o meu X tocava, enquanto ele pôde, tiveram sempre a preocupação de o pôr a tocar. (...) Não sei explicar, mas é preciso ter uma preocupação muito grande com os outros. (...) Quando ele lá chegava queria ir mexer, e no entanto, a Dra. Virgínia e o grupo sempre conseguiram pô-lo a tocar, e acho que isso, que é de um carinho tão grande que não há nada que supere isso.</p>
A1	<p>(...)Gostei muito das abordagens muito esclarecedoras, abordagens essas que tinham por base conhecimento científico de pessoas qualificadas para falarem de uma obra de arte, também já vejo a diversidade de conhecimentos e de experiências humanas, muitas vezes a experiência com o conhecimento ajuda muito a clarificar certas obras, pois há por vezes certas obras muito polémicas e um historiador de arte é um homem, é uma pessoa que nos pode esclarecer melhor o conhecimento e dúvidas, ou mesmo suprir a nossa ignorância em certos aspetos ligados à emoção da arte. (...) De certo modo também é um estímulo, agora devido à falta de possibilidade de ir ao estrangeiro, é um estímulo, é uma curiosidade aguçada que eu passo a ter para procurar visitar ou, não direi galerias mas museus sobretudo. (...) Este problema até me impedia também de sair, respirar um bocado.</p>
A2	<p>Olhe, eu acho que o que tenho gostado mais é da disponibilidade da bem entrega de toda a gente que está envolvida no programa, é uma surpresa para mim, eu sei que grande parte das pessoas que estão ali é num dia que têm uma folga não é? Estão ali voluntárias, estão ali a investir o seu tempo e podiam estar em casa, e podiam não se envolver tanto, e isso é que me surpreendeu, pode-se dizer que, eu às vezes estou lá a observar e começo a ver assim toda a gente, todos os voluntários principalmente, sensibiliza-me e toca-me bastante. Vivemos num mundo muito egoísta, muito individualista, a esmagadora maioria das pessoas não quer ter trabalho com os outros, não querem se envolver com os outros e isso sem dúvida, a componente humana que está ali, destas pessoas que já referi, do Dr. Cid, do Dr. Carlos, do Dr. Raúl, da Dra. Mafalda, da Dra. Pedroso Lima, da Dra. Carla do museu de Antropologia, pronto, e a Dra. Virgínia a orientar a equipa, e vossa também, dos estagiários que estão, tudo ali funciona sobre rodas e muitas pessoas que estão ali, estou a lembrar-me de uma senhora que acompanha muitas vezes a minha X, a Y, e que estão ali até com problemas de saúde, ela tem tido problemas de saúde e vão ali na mesma, quer dizer, e isso</p>

é o que me toca mais e é o que gostei mais. Sem dúvida, a componente humana, a entrega das pessoas, a disponibilidade das pessoas, a generosidade, talvez seja essa a palavra mais adequada, a generosidade de todas as pessoas envolvidas no projeto, a generosidade é o que me toca. Não falta nada, aqueles miminhos à entrada, à saída, -“Venha beber um cafezinho”, quer dizer, pensam nos pormenores todos, no transporte das pessoas. A generosidade de toda a gente envolvida desde a organização até aos estagiários, acho que é transversal, a generosidade das pessoas foi o que eu gostei mais. Depois, se me perguntar, no terreno o que é que eu gosto, olhe eu gosto muito do Museu da Ciência, porque eu estou ligado, a minha área de formação é das ciências, gostei muito daquelas visitas ao Gabinete de História Natural, mas isso são já pormenores porque realmente a componente humana é aquilo que me tem impressionado mais, é aquilo que eu gostei mais, e que me surpreendeu mais, do que propriamente estar aqui a destacar uma obra de arte, ou um museu. Olhe aquela exposição filosófica que fizeram, que foi organizada à Amazónia, que foi interessantíssima, eu acho que isso é fabuloso, que se fala pouco e por acaso eu já conhecia, não em pormenor mas já conhecia, mas estou convencido que a esmagadora maioria do povo português nem faz ideia que houve essa expedição, e quer dizer isso é uma coisa marcante, nós andamos a descobrir coisas e a trazer coisas que nunca ninguém tinha tocado na civilização europeia não é? E isso é uma coisa em que nós estávamos na vanguarda e isso foi uma coisa que eu gostei imenso, foi das coisas que gostei mais, mas volto a dizer muito mais do que isso tudo junto é a componente humana, a organização a generosidade das pessoas e isso foi o que eu gostei mais, foi o que me impressionou mais.

Questão 8	
Se pudesse mudar alguma coisa, o que mudaria?	
B1	Não. (...) Têm sempre novidades, elas têm sempre coisas novas. Eu acho que não, não sei, não sei dizer nada que se pudesse ali alterar. Estou sempre a agradecer porque acho que por mais vezes que eu diga, acho que é sempre pouco (...).
A1	Eu acho que o projeto está bem estruturado, as pessoas já têm uma experiência, já há anos que o EU no musEU continua a manter esta programação, e portanto, é muito importante, eu achei bastante positivo a gravação destes diapositivos, as sessões, as últimas reuniões também foram bastantes úteis e têm momentos bastante elevados. (...) Uma vez por mês são 10 vezes por ano, e se fossem de 15 em 15 dias já seriam 20, já seria um número razoável e talvez estreitasse mais as ligação. Eu acho é que há uma população, há pessoas que estão há anos no EU no musEU e depois acabam por, por qualquer motivo, porque tudo depende da disponibilidade das pessoas não é? (...) No seu caso é razoável porque está num período de estágio e depois vai seguir a sua vida, mas há outras pessoas residentes e de vez em quando não estão disponíveis e desaparecem, mas de resto o ambiente, é um ambiente muito são e solidário, e as pessoas, as senhoras, estava-me a referir aos cuidadores formais, são pessoas dedicadas e com outras qualidades humanas e suavizam as relações, porque às vezes há situações difíceis não é? Sobretudo a doença às vezes é mais severa para uns do que para outros e há momentos mais difíceis, difíceis de superar não é? Depois é um aspeto que dá saudade, pessoas que nós conhecemos e com quem lidamos, um dia qualquer chega a noticia que a pessoa faleceu, mas isso deixa sempre um traço de amargura, quer dizer, a vida é finita, sabemos que isto é uma passagem por este mundo mas temos pena de ver pessoas, com chegamos a contactar e a lidar, e de repente chega ao fim da estrada.
A2	Irmos um bocadinho mais para o exterior, Coimbra também é uma cidade que tem património para ser descoberto, a sugestão que eu fazia agora era irmos um bocadinho mais para o exterior, sairmos das paredes dos museus e irmos ao terreno, talvez seja essa a sugestão. No caso das pessoas que estão, que são o centro do programa, são as pessoas que sofrem de demências, que têm o Alzheimer, que têm outras demências e estão no programa e talvez não seja tão fácil levá-los para o exterior, talvez em termos logísticos não sei se seria muito fácil. A sugestão que daria, para o programa dos cuidadores, é irmos mais para o exterior, mas com as mesmas pessoas, pois não há necessidade de mudar pois são muito boas, as pessoas que nos têm organizado as sessões são muito boas, acho que aí não tenho

nada, não posso apontar grandes melhoras, temos as pessoas certas.
--

Questão 9

Se pudesse resumir a sua experiência em uma frase, qual seria?

B1	Carinho e conhecimento.
----	-------------------------

A1	(...) Eu acho que, têm uma ambiência solidária e é muito positivo esse projeto pois é uma chamada de atenção para os problemas da demência e para outras doenças relacionadas. (...) Digamos é de exaltar porque representa uma chamada particular de atenção para as pessoas que são vítimas de demência e que têm por vezes no fim da vida, e as pessoas ficam despojadas da sua autonomia que é um aspeto bastante importante e eles procuram suavizar a situação, criando um ambiente, com uma receção condigna para as pessoas, tratando-as com respeito, com atenção e com bastante, uma situação de ternura com as pessoas, com humanidade e não com indiferença, com uma posição contrária à indiferença, que muitas parcelas da humanidade ainda devotam estas situações através da ignorância e da incompreensão.
----	--

A2	Vou tentar resumir em alguns adjetivos: Generosidade, Amor, Disponibilidade, Beleza, Harmonia. Quem está por detrás das sessões sabe muito bem que os cuidadores estão sujeitos a um esforço, a um stress muito grande e nós saímos lá, sempre das sessões recarregados, com as pilhas recarregadas, com outro equilíbrio, com outras harmonia, por isso é que me lembrei agora dessas palavras finais, mas pronto aqueles adjetivos que utilizei, são alguns porque havia outras, para resumir este programa, muita generosidade, muita entrega das pessoas, disponibilidade, penso que as pessoas estão sempre disponíveis, nunca vi a mais pequena impaciência, pronto, não há impaciência, não há pressa, olhe é um bocadinho o contrário do que sinto, quando vou com a minha X a algumas consultas em hospitais públicos, é tudo ao contrário, há pressa, há pressão, não há disponibilidade, não há generosidade, é pena que aquilo que nós sentimos nessas sessões, não possa passar, não possa extravasar, por exemplo, para outras realidades, para outras estruturas, a assistência hospitalar acho que está muito impessoal e agora ainda piorou, com este distanciamento todo, é muito pouco humana, e o que nós notamos ali nas sessões no museu, eu e a minha X, e ela nota muito isso, vem sempre muito contente, realmente é uma família pronto, a generosidade das pessoas, os modos as pessoas, a convivência, é uma coisa que não se vê todos os dias, que não encontramos, eu vou com a minha X a todo o lado e de facto a
----	---

	<p>realidade que nos presenciamos no museu é uma realidade à parte e esse é que deveria ser o modelo, e não os outros que estão por aí, que estão, é quase uma agressão aos sítios que eu vou com a minha X não há humanidade muitas vezes, não há tempo, não há nada.</p>
--	--

Questão 10	
Que conselhos daria a quem aderir a um projeto de inclusão em espaço museológico?	
A1	<p>Que aproveite, que são oportunidades únicas de conhecimento, crescimento interior e cultural, que aproveitem (...) acho que a pessoa aprende sempre muito, muito, muito.</p>
B1	<p>O conselho que eu daria é que a pessoa fosse de coração aberto, fosse conviver com as pessoas (...) e que possa encorar a organização de uma forma compreensiva, que aderem a estes projetos por questões de humanidade e de civilidade.</p>
B2	<p>Incentivaria a aderir, pronto. Não tenho a certeza de que toda a gente, lá está a minha X já estava de certa forma habituada a visitar espaços museológicos, exposições e eventos culturais, o meu X já faleceu, era uma pessoa que gostava de ler, que gostava de arte, e a minha X já estava habituada, não sei até que certo ponto toda a gente na realidade portuguesa (...) não sei até que certo ponto isto possa ser assim tão transversal e tão facilmente aceite ou toda a gente, estou a imaginar uma pessoa semianalfabeta que nunca teve grande, que nunca visitou espaços assim, não sei se a coisa correria tão bem, está a perceber, Bruna? Mas lá está, eu também não as desincentivaria, há muita gente que só começou a ouvir música clássica já numa fase adulta e gostou e aprendeu a gostar, portanto não excluiria ninguém, talvez o cuidado aí, o cuidado seria de quem organiza as sessões, teria de ser ainda acrescido, procurar integrá-los de uma forma mais gradual mas de qual maneira eu o conselho que daria era: Avancem, vão sem preconceitos e completamente com a mente aberta e deixem-se contagiar pela generosidade e pelo amor que vão ter, porque vão para lá e não vão para uma consulta ou para uma atividade padronizada, temos de estar com a mente completamente aberta é sempre uma surpresa, pelo menos as nossas sessões, é sempre uma surpresa, nós nunca sabemos o que vamos encontrar, tem havido sempre espetáculos musicais, já tem havido tanta coisa que não estávamos a contar, portanto, é ir de mente aberta e procurar aproveitar todos os momentos, as sessões são uma vez por mês, e tem de se aproveitar intensamente, é aproveitar intensamente, mente aberta e ir para casa pensar nas sessões, acho que também é importante, fazer o trabalho de casa.</p>

3.2.4. Análise de Conteúdos

Nas entrevistas realizadas foi possível observar que os/as cuidadores/as informais ouvidos associaram de imediato os adjetivos, acessível e inclusivo, ao MNMC, sobretudo, ao projeto *EU no musEU*. Compreendemos também que este é o único projeto de inclusão com que estão familiarizados, não tendo conhecimento de outros que ocorrem em outros museus em Portugal. Os projetos de inclusão em espaço museológico serão um bom ponto de partida para a divulgação de outros projetos dentro do mesmo ou de outros espaços museológicos. O trabalho em equipa entre museus, poderá ser uma mais valia relativamente à divulgação e dinamização da inclusão cultural em Portugal.

Como podemos observar no quadro seguinte, a frequência de visita a museus por parte dos/as participantes, incide sobretudo em museus estrangeiros. A partir desta amostra, podemos concluir que os museus portugueses não são tão atrativos para os visitantes quanto os museus estrangeiros, nomeadamente os museus mencionados. Isto reforça a necessidade de os museus portugueses assumirem novas atitudes, novas posturas, de se afirmarem perante a sociedade, demonstrando assim ao seu público, de forma inclusiva, inovadora e atrativa, o papel fundamental que exercem na sociedade enquanto promotores de cultura, cidadania e identidade.

RESUMO DOS ÚLTIMOS MUSEUS VISITADOS					
A1		B1		B2	
PORTUGAL	ESTRANGEIRO	PORTUGAL	ESTRANGEIRO	PORTUGAL	ESTRANGEIRO
Fundação Calouste Gulbenkian	<i>Museo del Prado</i>	Museu da Ciência, UC	<i>National Gallery</i>	Museu Nacional Grão Vasco	
Museu Nacional Grão Vasco			Museu Picasso	Núcleo Museológico da Misericórdia, Viseu	
			<i>Musée do Louvre</i>	Museu da Ciência, UC	
			Museus do Vaticano		

Relativamente à motivação que levou os entrevistados/as a inscreverem-se no *projeto EU no musEU*, devemos destacar, em primeiro lugar a sugestão/recomendação por parte de especialistas, ou seja, isto demonstra que a arte como terapia começa a ser reconhecida pela comunidade médica em Portugal. Os museus são espaços fundamentais para desenvolver e explorar novos conceitos, para que sejam cada vez mais reconhecidos os diversos potenciais e usos da arte e do património como ferramentas que podem contribuir significativamente para a melhoria da qualidade de vida das pessoas pela via da socialização e da fruição cultural.

Em segundo lugar, a oportunidade que estas pessoas procuravam de se aproximar da arte e da cultura, demonstrando um especial prazer na sua fruição. Com efeito, tem vindo a ser demonstrado em estudos, tal como demonstra o artigo de (AA.VV, 2006) que apela à necessidade de nas escolas médicas dos Estados Unidos da América haver uma especialização em áreas culturais, defendendo que a cultura tem um forte impacto nos cuidados de saúde, nomeadamente, no aumento da qualidade de vida das pessoas bem, como na melhoria da relação e da comunicação entre a comunidade médica e a população. Contribui também para a compreensão de atitudes e comportamentos dos pacientes, pois estes são afetados pelos costumes culturais.

Relativamente à participante **B1**, a entrada no projeto alterou a sua relação com o mundo cultural, no sentido de, reforçar e fortalecer o prazer e a ligação que a participante já tinha antes da sua entrada no projeto. Por sua vez, o participante **A1** também considerou que a sua adesão ao projeto mudou o seu entender sobre o mundo cultural, pois, devido à sua situação familiar, este não tem oportunidade para visitar espaços culturais. Como integra o projeto tem conseguido ter contacto com o museu de forma mais assídua, sentindo estimulado a usufruir destes espaços, assim como entender a relevância que estes desempenham na sua vida e na sociedade. O participante **A2** afirmou que a sua adesão ao programa reforçou a sua ligação com a cultura, apesar de ser uma pessoa muito assídua neste aspeto, acabou por ser surpreendido porque o programa lhe proporcionou uma experiência museológica que ainda não tinha vivenciado.

O apoio e a disponibilidade por parte dos profissionais do museu revelam-se imprescindíveis. Ainda se denota algum receio em falar sobre a arte, acreditando que ler e interpretar uma obra de arte só compete àqueles que têm especialização na área, ou então que só o conseguem fazer com o apoio de alguém. Mas o facto de, no *EU no musEU* se fazer a exploração e a abordagem as obras de arte num todo, ou seja, na sua totalidade, permite às

peessoas uma maior familiarização, acreditando assim que têm a capacidade de compreender obras de arte.

Este receio da abordagem da arte, reflete também uma das razões de grande parte das pessoas se afastarem ou não visitarem espaços culturais, pois acreditam que são espaços dotados de conceitos e informações, que estão além das suas capacidades e assim não vão ter uma boa experiência. É neste sentido, que devemos continuar a demonstrar às pessoas, que todos temos as ferramentas e a capacidade de convivermos, de nos envolvermos e de compreendermos os museus e a arte.

Ambos os entrevistados/as recorreram ao projeto *EU no musEU*, porque tinham familiares ou pessoas próximas com demência ou perturbações neurocognitivas. Neste sentido, não tinham grandes expectativas mas acreditavam que ia ser uma boa experiência, no mínimo, só pelo contacto frequente que iam ter com o museu e com a arte. As expectativas foram superadas porque o projeto tem uma equipa muito bem estruturada e sensibilizada, cujo objetivo principal é o bem-estar dos seus participantes e dos/as cuidadores/as informais, e isto reflete-se em ambos os depoimentos. O facto de lhes ser proporcionado o convívio com famílias e/ou pessoas que enfrentam a mesma realidade, e o apoio e compreensão que sentem da parte da equipa do projeto ajuda a atenuar as dificuldades e contribui para uma maior abertura de espírito.

3.3. “Imagens que Guiam”

3.3.1. Estrutura, Metodologia e objetivos.

Desenvolvido como uma variante do projeto *Construa Pontes e Não Barreiras*, o *Imagens que Guiam* é um projeto de comunicação acessível no MNMC em parceria com a Associação Portuguesa de Pais e Amigos do Cidadão Deficiente Mental (APPACDM) de Coimbra, pelo Centro de Atividades Ocupacionais (CAO) de S. Silvestre. Visa tornar os espaços culturais acessíveis para todos. O que torna este projeto único é a proximidade entre os/as técnicos/as da instituição que apoiam as pessoas com incapacidade intelectual e os/as profissionais do MNMC. As técnicas responsáveis da APPACDM são Catarina Santos (Terapeuta da Fala), e Ana Mendes (Terapeuta Ocupacional), por sua vez, a pessoa responsável do MNMC, é Virgínia Gomes.

O público alvo deste projeto são pessoas com incapacidade intelectual. Durante as sessões, e através da utilização de guiões de comunicação aumentativa, proporciona-se a este público “*o caminho da exploração individual e singular*”²⁰.

As metodologias utilizadas têm em conta as especificidades das obras de arte a explorar, os perfis dos clientes e as conexões que podem estabelecer, segundo as suas vivências, com o espaço cultural e com o mundo que os rodeia, numa perspetiva de assunção de cidadania ativa. Assim, para cada visita que planeiam, os profissionais do museu recebem previamente uma ficha com os perfis dos participantes oriundos do CAO de S. Silvestre para que a visita seja estruturada com base nos perfis do seu público.

O MNMC fornece todos os dados e contextualização histórico-artística relativos à obra de arte a explorar. Depois, as técnicas da APPACDM, em conjunto com a responsável em nome do MNMC elaboram o guião em comunicação aumentativa, que é realizado com o programa Invento, da Widgit. Previamente à visita, ainda em contexto de CAO, os clientes exploram os guiões e preparam-se para ir ao museu. No museu, a abordagem e a exploração da obra de arte são realizadas pela conservadora do MNMC. Estas etapas do processo exigem um constante diálogo entre as duas instituições.

²⁰ Fonte: <http://www.appacdmcoimbra.pt/formacao-imagens-que-guiam-comunicacao-acessivel-no-mnmc/>, consultado em: 5 de Junho de 2019.

As sessões são pensadas para grupos pequenos (máximo de dez pessoas) e, através da exploração da obra de arte com o apoio dos guiões de comunicação aumentativa, há uma consolidação de experiências significativas, que culmina com a mimetização da obra de arte e dos conceitos explorados. O *Imagens que Guiam* apresenta como objetivos:

<p>Objetivos do Projeto</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Promover a comunicação acessível de várias ferramentas, como guiões que acompanham a explicação da obra ou que permitem que o visitante a explore e a interprete de uma outra forma; - Estimular o caminho da exploração individual e singular; - Consolida experiências significativas, de modo a permitir o empoderamento em novos contextos e desafios; - Observar e interpretar a obra de arte (ou o espaço) e explorar o património na sua dimensão de testemunho do mundo que nos rodeia.
<p>Objetivos do Estágio</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Aplicar guiões de comunicação aumentativa, elaborados por Virgínia Gomes. - Construir guiões de entrevista semiestruturada. - Compreender a influência do <i>Imagens que Guiam</i>, como mediador de cultura e cidadania, através de entrevistas aos técnicos/as do Centro de Atividades Ocupacionais da APPACDM.

3.3.2. O decorrer do processo.

Inaugurado em 2015, o projeto *Imagens que Guiam*, anunciou-se publicamente com uma formação a 27 de novembro de 2017, preparada pelas duas instituições parceiras, o MNMC e a APPACDM de Coimbra, destinada a profissionais de ambas as áreas de atuação. Esta formação teve como objetivo disponibilizar técnicas e instrumentos para tornar a arte acessível para todos/as, promovendo assim, a autonomia de diferentes equipas de profissionais da área. Contou com a participação de profissionais do Museu Nacional de Arte Antiga, com o Museu de Arte Contemporânea, do Museu Nacional Grão Vaso (onde foi replicado em 2018, em parceria com a APPACDM de Viseu), da APPACDM de Montemor-o-Velho, entre outras instituições sociais e culturais ligadas a estes públicos.

Com um planeamento de sessões mensais, o projeto foi distinguido, em junho de 2018 com a Menção Honrosa em Acessibilidade Integrada pela Acesso Cultura, sendo assim reconhecido pela sua capacidade de intervenção ao nível social e cultural.

Atualmente existem dez guiões em comunicação aumentativa sobre obras de arte e espaços do MNMC: “*Senhora da Rosa*”²¹, “*Retábulo da Natividade*”²², “*Retábulo de S. Silvestre*”²³, “*Última Ceia*”²⁴, “*Visita ao Criptopórtico*”, “*Deposição no Túmulo*”²⁵, “*Virgem do Ó*”²⁶, “*Vulcano Castiga Vénus e Marte*”²⁷, “*A adoração dos Reis Magos*”²⁸, “*Anjo Heráldico*”²⁹”.

O meu papel enquanto estagiária no projeto consistiu em dinamizar as sessões com a aplicação dos guiões de comunicação aumentativa elaborados pelas responsáveis pelo projeto (pelo MNMC e pela APPACDM, anteriormente identificadas). Posteriormente, fui desafiada a selecionar três peças do MNMC (“*Vulcano Castiga Vénus e Marte*”, “*A adoração dos Reis Magos*” e “*Anjo Heráldico*”), para as quais elaborei textos em linguagem simples (com o apoio da equipa) que foram depois convertidos em guiões em comunicação aumentativa. A esse

²¹ MNMC Inv.11266;P51

²² MNMC Inv. 1238; E291

²³ MNMC Inv. 11222; E409

²⁴ MNMC Inv. 867 a 875

²⁵ MNMC Inv. 4085; E109

²⁶ MNMC Inv.645; E20

²⁷ MNMC Inv. 6050

²⁸ MNMC Inv. 2547;P1

²⁹ MNMC Inv. 4102;E61

respeito dinamizei as três sessões correspondentes. O meu papel consistiu ainda na construção de guiões de entrevista semiestruturada destinada a técnicos/as do Centro de Atividades Ocupacionais (CAO) de S. Silvestre da APPACDM de Coimbra para compreender a influência do *Imagens que Guiam*, como mediador de cultura e cidadania.

Sessões Dinamizadas:

No decorrer do estágio, participei num total de sete sessões do projeto *Imagens que Guiam*, quatro no apoio à equipa técnica, designadamente através da aplicação do guião em comunicação aumentativa e três³⁰ conduzidas por mim, através da aplicação dos guiões que elaborei (ver anexo B; Anexo D; Anexo F):

1º Vulcano Castiga Vénus e Marte: 22 de julho – para participantes do CAO São Silvestre (Anexo A).

2º Adoração dos Reis Magos: 22 de Julho – para participantes do CAO São Silvestre (Anexo C).

3º Anjo Heráldico: 23 de Julho – para participantes do CAO São Silvestre – LAR (Anexo E).

³⁰ As sessões decorreram já num período de Pandemia de Covid-19, pelo que foram realizadas em formato digital, através da Plataforma ZOOM. As dinamizações foram antecipadamente gravadas no MNMC e editadas.

3.3.3. Impactos e resultados.

Como termo de avaliação e análise de impactos e resultados do projeto *Imagens que Guiam*, utilizei como método as entrevistas semiestruturadas para obter uma avaliação qualitativa. As entrevistas foram realizadas a três técnicos/as da instituição parceira e que integra este projeto, a APPACDM de Coimbra. No cumprimento da Lei 58/2009, de 8 de agosto, que assegura a execução do Regulamento Geral de Proteção de Dados (EU) 2016/679, de 27 de abril de 2016, designado por RGPD, visando a proteção de dados dos/as entrevistados/as, os nomes ou qualquer tipo de identificação foi codificado e deste modo, foram determinadas as seguintes abreviaturas: **A:** Homens; **B:** Mulheres; **Numeração:** Conforme a ordem cronológica em que foram realizadas as entrevistas.³¹

Perfis dos entrevistados/as					
Entrevistados/as	Sexo	Idade	Nível de formação	Portador de deficiência	Unidade
B1	F	33	Licenciatura	Não	São Silvestre
B2	F	29	Licenciatura	Não	São Silvestre
B3	F	33	Licenciatura	Não	Montemor-o-Velho

Foi estruturado um guião de entrevista conciso, com um total de cinco questões, organizadas segundo três critérios: 1º Compreender como foi estabelecida a parceria entre as duas instituições com áreas de atuação diferentes e o contexto da fundação do projeto *Imagens que Guiam*; 2º Identificar o impacto do museu na afirmação, conquista e exercício de uma cidadania ativa pelos participantes no projeto; 3º Verificar a importância do contributo do museu para o setor social, para, deste modo, obter dados e respostas que permitam fazer uma avaliação deste projeto quanto ao seu impacto e influência como mediador de cultura e cidadania.

³¹ A transcrição das entrevistas, não constará em anexo, devido ao cumprimento da proteção de dados.

Questões
1. Como surgiu a ideia deste projeto/parceria?
2. Considera o museu como um espaço de reflexão, ação e estímulo da criatividade dos seus clientes?
3. E como um espaço de conquista e de exercício de cidadania ativa?
4. Quando começou a frequentar museus e qual a sua relação com este tipo de instituições culturais?
5. Na sua opinião, como podem os museus ser úteis ao setor social?

Após a realização das entrevistas, foi iniciada a análise dos dados utilizando a análise de discurso. A primeira etapa a realizar, foi a familiarização com os dados, ou seja, a transcrição das entrevistas e a seleção simultânea das ideias principais. Concluída a primeira etapa houve uma leitura intensiva dos dados das entrevistas e a recolha dos aspetos mais interessantes de cada resposta para cada pergunta, que refiro a seguir:

Questão 1	
Como surgiu a ideia deste projeto/parceria?	
B1	(...) No início de 2015, houve um dia em que a minha coordenadora do CAO me disse que ia a uma formação à Fundação Calouste Gulbenkian, que tinha sido escolhida para ir à formação do Museu Aberto (...) e eu pensei: “Mas o que é que isto tem a ver com a parte da terapia da fala?” (...) e percebi que, tendo a ver com a comunicação, e eu sendo terapeuta da fala e intervir na área das perturbações da comunicação humana, fazia todo o sentido pensar numa intervenção (...) ao nível da comunicação a um nível mais abrangente, ou seja, não fixar apenas nos contextos de vida já habituais das pessoas com dificuldades intelectuais (...) abrir o leque das vivências, e do trabalho das competências de comunicação em contextos mais abrangentes. (...) Depois, começamos assim eu e a Terapeuta Ocupacional, começamos a pensar: “Ah! Era giro eles irem à Gulbenkian e verem coisas” (...) só que o problema de ir para Lisboa é sempre os transportes, as viagens, saber os horários (...) E depois pensamos: “Porque não começar por Coimbra?” Na altura contactamos o Museu Machado de Castro, (...) fomos reunir com a Dra. Virgínia Gomes, fomos conhecer todo o museu com ela e tomamos também conhecimento (...) que havia um grupo de teatro, na instituição, no nosso CAO, que tinha ido a umas visitas ao Criptopórtico

	<p>com o Guarda-Chaves.</p> <p>(...) Nós partilhamos também qual era a nossa ideia com esta realização de atividades culturais com a nossa população, e partilhamos que nós gostávamos, por exemplo, de ver à volta de umas dez peças por visita (...) um bocadinho à luz daquilo que era feito na Gulbenkian. Mais tarde, fomos percebendo que dez peças era muito, não se justificava estarmos a ver dez peças numa sessão, quando podíamos ver uma ou duas com muito mais qualidade e que seria muito mais vantajoso para com as pessoas que iam à visita. E depois começámos a fazer algumas visitas com grupos pequenos, cerca de 10 a 12 clientes nossos, com características que embora não fossem totalmente homogéneas, mas que se podiam adequar, porque acho que é importante haver alguma homogeneidade nos grupos, para que todos possam participar com qualidade também, começamos, pronto, principalmente com dois grupos e aos poucos fomos introduzindo outros e para além disso, depois o nome <i>Imagens que Guiam</i> surgiu já num <i>workshop</i> que fizemos em conjunto para profissionais das instituições de apoio e para profissionais das instituições culturais (...) foi aí que surgiu o nome do <i>workshop</i> que, entretanto, ficou o nome do projeto, que nos faz todo o sentido o nome sem si.</p>
B2	<p>(...) em 2015, eu a X já estávamos aqui no CAO, e ela tinha feito uma formação na Gulbenkian, que tinha a ver com a mediação de público com necessidades especiais em espaços culturais, (...) e neste sentido achamos que seria interessante nós avançarmos com isto aqui em Coimbra, lembramos alguns espaços, nomeadamente, o Machado de Castro, pronto, com a Virgínia, porque sabíamos que já há uns anos atrás tinha havido aqui alguma ligação. (...) Quando falamos com a Virgínia, houve essa abertura para nós começarmos então, a ir ao museu. (...) Nós não estávamos habituados, não sabíamos como isto iria funcionar, então tínhamos a ideia de uma visita para explorar as peças. (...) Não tínhamos noção do número de clientes que deveríamos levar em cada visita, obviamente que isso foi tudo trabalhado, tudo orientado. (...) Depois, surgiu-nos a questão, ou seja, as obras não estavam adaptadas e surgiram os guiões de comunicação acessível e a partir daí nasce a parceria com o museu. (...) Uma vez que havia várias pessoas interessadas no projeto e fazia todo o sentido de estarem também outras instituições envolvidas, a forma como fizemos foi, criar, neste caso, uma formação e este projeto que é o <i>Imagens que Guiam</i>, e demos formação por duas vezes, para dar autonomia a outras pessoas, neste caso, técnicos de instituições culturais ou instituições mesmo, para que pudessem ir ao Machado de</p>

	Castro, tinham alguns guiões e a partir daí pudessem explorar aquelas obras de arte.
B3	Esta parceria surgiu através de São Silvestre, a APPACDM tem várias unidades funcionais, quer ao nível da formação, quer ao nível dos centros de atividades ocupacionais, e esta parceria foi feita com a unidade de São Silvestre, pronto e em conversa com outras colegas percebemos que podíamos alargar a outras unidades, nomeadamente Montemor-o-Velho. Foi assim que surgiu esta hipótese, e com o Machado de Castro foi tudo através da Dra. Catarina Santos e da Dra. Ana Mendes.

Questão 2	
Considera o museu como um espaço de reflexão, ação e estímulo da criatividade dos seus clientes?	
B1	<p>Sim, muito, sim! (...) porque através do contacto com as obras de arte e com as pessoas do museu e com os espaços do museu, eles percebem que não podemos só ter uma ideia para uma determinada coisa, ou seja, o mesmo assunto pode ter uma panóplia de interpretações, e eles percebem isso, por exemplo, quando chegam e veem uma peça e não lhes dizem logo o que é que é aquela peça, ou seja, quando lhes perguntam e quando depois o conhecimento se constrói também a partir daquilo que é o parecer deles, a opinião deles sobre o que estão a ver, e isto estimula a criatividade. (...) Sim, quando eles percebem que aquele espaço é para eles, quando percebem que aquela obra pode ser explicada pela voz deles, eles também vão perceber que aqueles lugares são efetivamente para eles, aquelas ideias são para serem discutidas por eles, e vão mais tarde, exigir também que, aquelas experiências que para eles foram importantes e em que eles perceberam isso, se repitam, e ao exigirem isso eles estão já também a perceber de alguma forma, à maneira deles, que é diferente para cada um, que podem interferir sobre aquilo que lhes acontece na vida, porque muitas vezes pessoas com dificuldades intelectuais têm muitas dificuldades em afirmar-se, no contexto, na família, na comunidade onde vivem, e esta é também uma forma de se afirmarem e de perceber que podem exigir ... algo, e que algo também é deles. E isto implica uma reflexão, porque eles percebem isto, e a ação porque depois eles pedem para ir, e aquilo que acontece muitas vezes em relação à... às pessoas que vão connosco, aos clientes que nós levamos ao museu... eles depois imagine, por exemplo, se eles não forem numa determinada vez, eles vão perguntar –“Mas eu não vou porquê? Eu também quero ir!” (...) E partilham as suas</p>

	<p>ideias, e as suas experiências nestes contextos com as famílias, com as pessoas com quem estão, ou seja, não fica uma experiência só deles, que eles guardam para eles, mas também que conseguem a partir daí conversar sobre coisas mais interessantes, que muitas vezes há vidas e situações em que não há muitas coisas interessantes para as quais (...) eles podem falar porque não têm muitas experiências que sejam interessantes muitas vezes, mas isto também os ajuda a ter mais experiências interessantes e ter assuntos interessantes para falar com os outros, que são significativos para eles.</p>
B2	<p>Considero. (...) eles sentem aquilo como sendo deles, só que eles nunca tiveram oportunidade de ir, de explorar o que quer que seja, fora do ambiente de casa e daqui do Centro. A partir do momento que eles têm esta oportunidade, eles conseguem perceber que há outras coisas lá fora (...) acabam por conseguir ter esta noção, neste sentido de pertença para eles. Eles conseguem, obviamente, pensar sobre isso, eles chegam lá e conseguem olhar para as coisas, conseguem dizer aquilo que estão a ver aquilo que estão a sentir e mesmo depois cá, em termos de experiência, eles conseguem generalizar, nós temos sentido isso, não só quando nos pedem para voltar a ir, mas quando nos falam daquilo que viram, como é que estavam as coisas. (...) Em relação à parte da criatividade, sim, porque, na parte da mimetização, ou seja, quando eles fazem a mimetização lá e quando fazem aqui, há muitos pormenores que ficam. (...) O que nós temos sentido é que eles se recordam de vários pormenores, estão muito mais atentos e conseguem trazer isto depois para aqui, mesmo nós no Jardim Botânico já aconteceu dizerem, “ah estava lá um senhor como no museu que estava assim com as mãos, ou seja, eles generalizam isto para outros espaços.</p>
B3	<p>Sim, sem dúvida, é uma forma de eles também perceberem que também têm direito a usufruir da cultura, não é? E de usar os espaços comuns, pois muitos deles estão muito circunscritos, vivem num meio mais rural e não é fácil deslocarem-se até à cidade, ou deslocaram-se até outros locais. É muito importante para eles usufruírem e verem outras coisas, e viverem outras realidades e outros contextos é que percebem se gostam ou não. E mesmo contactarem com outras pessoas não é? Com a Bruna, com a Virgínia é muito importante e acho que para vocês acaba por ser enriquecedor pois é um público que não é comum.</p>

Questão 3

E como um espaço de conquista e de exercício de cidadania ativa?

B1

Sim, porque como já disse eles conseguem, ao saberem que têm direito a algo e ao exigirem esse direito, eles estão a exercer a sua cidadania, porque é quando eles conseguem perceber os seus direitos e aquilo a que podem aceder, é nessa altura que eles vão também poder mostrar aos outros, refletir isso nas atitudes que têm em relação às outras pessoas e que os outros percebam através disso, e através do que eles dizem e através do que demonstram, que isso é um direito. (...) Eles percebem que aquela realidade é para eles e pela forma como se comportam em relação a isso, as outras pessoas que não têm muitas vezes, uma visão tão positiva destas pessoas e da vida delas, percebem através daquilo que elas se expressam, daquilo que elas demonstram, percebem que é um direito deles, e podem depois inundar outros contextos da vida dessas pessoas para que através da cultura, possam também ser mais cidadãos de pleno direito e pessoas na sua plenitude, na área cultural mas também noutras áreas, porque se percebe que a pessoa se consegue afirmar de outra maneira. É um problema muito grande das pessoas, não é tanto das pessoas com dificuldades intelectuais, é mais das pessoas que estão à volta perceber que aquelas pessoas também têm direito às mesmas coisas, têm direito a estarem incluídas na sociedade, a fazerem parte, efetivamente parte, fazerem aquilo que os outros fazem e relacionar-se com os outros de uma maneira que seja positiva para todos. (...) Porque muitas vezes aquilo que acontece em museus e noutros espaços culturais é que toda a gente sabe o que é que é a acessibilidade física, toda a gente também começa a perceber que é acessibilidade para pessoas cegas, para pessoas surdas também é mais fácil porque há, muitas vezes, há adaptações, uma rampa dá para todos, todas as pessoas que vão em cadeira de rodas, o braille dá para todos os cegos, a língua gestual dá para quase todos os surdos, aqueles que sabem a língua gestual porque também há aqueles que não sabem. (...) é uma resposta que é igual para as pessoas que têm aquele tipo de deficiência, no caso das pessoas com deficiência intelectual, com dificuldades intelectuais o leque de dificuldades e potencialidades é tão grande e tão diferente que é preciso haver quase adaptações caso a caso e haver uma maior proximidade em relação, se calhar até a outras pessoas, com um acompanhamento mais amigável. (...) é preciso haver do outro lado alguém que os recebe bem, de uma forma amigável, pronto, e isso é sentido no Museu Machado de Castro, é

	<p>sentido em outros locais, mas as respostas que são dadas no Machado de Castro em relação às pessoas com dificuldades intelectuais, já está, pelo menos aqui em Coimbra, e noutros sítios com certeza também, mas já estão um passo à frente em relação a outros espaços, é que há recursos materiais e já há uma dinâmica que vemos que resulta e que é a par, ou seja, por exemplo, a Dra. Virgínia é do museu, e nós somos da APPACDM, mas formamos uma equipa que já vai além daquilo que é a instituição, ou seja, embora não trabalhem na mesma instituição somos equipa, se calhar como sou equipa com colegas minhas e meus de trabalho na instituição, e isso existe ali e não existe em muitos outros sítios. (...) para que um dia não seja preciso organizarmos vistas específicas e que isto seja algo que pode ser reproduzido, ou que os materiais possam ser utilizados para quem chega sem uma marcação prévia, mas para isso acho que ainda é preciso trabalharmos muito e desenvolvermos muito atividades e percebemos melhor, o que é que resulta, o que é que não resulta, para que isso possa passar de uma forma mais sustentada para toda a gente.</p>
B2	<p>Ah sem dúvida. (...) Em termos de domínios da inclusão social, era dos domínios com valores mais baixos em algumas escalas, o que significa que, que eles têm poucas oportunidades, eles não vão com as famílias mas também não sabem que podem ir, portanto, aquilo que acontece é que houve uma acensão de oportunidades com a questão do lazer, e eles próprios terem esta noção, que podem e que devem ir, que é um espaço que é para eles, que é para todos, obviamente que com as suas adaptações mas que servirá para eles usufruírem como todos os outros e ao mesmo tempo diminuir esta pressão do isolamento social. (...) e aí eles lidam com outros colegas, com outras pessoas que estão no museu e tudo isto serve para, lá está, aumentar o nível de qualidade de vida que nós achávamos que estaria baixo em alguns domínios.</p>
B3	<p>Sim, eles conseguem participar, conseguem relacionar aquilo que veem com outros contextos da realidade mais próxima deles e que lhes são mais familiares e dar a sua opinião acerca daquilo que veem. A mimetização, a última parte, a mimetização daquilo que veem acaba por ser muito importante no juízo que eles fazem das coisas, e também naquilo que fica, na memória que fica, positiva.</p>

Questão 4

Quando começou a frequentar museus e qual a sua relação com este tipo de instituições culturais?

B1

Nunca achei assim que fosse uma mulher das artes (...) até ir à formação da Calouste Gulbenkian do Museu Aberto, nunca pensei que este podia ser um caminho de trabalho, mesmo enquanto terapeuta da fala. (...) Embora, por exemplo, quando eu ia a algum lado a uma cidade nova ou assim, ok ia ver um museu, ia, mas não era algo que eu sentisse como assim tão importante, como acho agora. (...). Eu sempre frequentei museus mas não a perceber como é que eles podem ser importantes na vida das pessoas, na vida da sociedade. (...) A frequência que eu faço dos museus, e a outros espaços culturais do género, é muito ... pela falta de tempo que tenho livre, é muito nestes projetos, ou seja, eu muitas vezes tenho contacto, mesmo aqui em Coimbra, muitas vezes tenho contacto com os espaços culturais e com atividades culturais porque vou em trabalho com eles, acabo por retirar para mim, ou seja, também aprendo, também consigo conhecer mais, porque acabo por que, mesmo sendo uma das minhas tarefas, muitas vezes descortinar os conteúdos das coisas e transformar em leitura fácil em documentos mais fáceis para lhes saber explicar, eu também estou a adquirir cultura assim, porque como tenho menos tempo livre, e nos últimos dois anos tem sido complicado. (...) Eu lembro-me numa outra formação que eu fiz na Fundação Calouste Gulbenkian, era de narrativas visuais, foi muito engraçado e era adaptado a pessoas que têm dificuldades intelectuais e deficiência (...) Percebi que é muito mais interessante estar a ver, por exemplo, uma ou duas peças e vê-las de uma forma exploratória como nós fazemos com as pessoas com dificuldades intelectuais e explorar de uma determinada perspetiva com uma mediação do que simplesmente ir a um espaço cultural, a um museu e ir ver as coisas sem perceber muito bem, sem ter uma experiência de interação, para mim resulta muito melhor ter uma experiência de interação em que tenha alguém a explicar e a pergunta e a fazer comentários do que esta a acontecer, do que estamos a ver, do que propriamente estar a ver algumas peças, sem tempo de perceber tudo e sem ter tempo de ler tudo e de perceber bem as coisas, pronto, porque é mais fácil. (...) Fomos a Serralves, e os meus X não gostaram de Serralves, e eu adoro Serralves também, pronto ... e “mas o que é isto?” “Isto também eu faço!”, e eu está bem mas é a ideia do autor, a ideia do artista é que é importante, não é o que nós estamos a ver é o que ele quis passar, qual a mensagem que ele quis passar, pronto, e isto não é muito fácil de quem não

	está muito dentro da área perceber se não tiver alguém a explicar e a tentar explorar isso de uma forma interessante.
B2	Frequentei poucos museus confesso, nunca fui muito dada à vida cultural, posteriormente quando começamos nós a ir com eles, comecei, entretanto, a ir, ao Mosteiro de Santa Clara à velha que não conhecia, fui com eles e fui lá conhecer. (...) Confesso que antes disto não tinha grandes experiências, não era que não desse importância mas não sei. Mas depois de falarem com nós, percebi que se calhar seria importante, que deveria ir, não só pelo contacto com os jovens, mas para lhe explicar algumas coisas ou também para eu conseguir sentir algumas coisas e lhes transmitir isso, mas depois, acho que seria importante para a minha aprendizagem
B3	Ir visitar é desde pequenina, quer com os meus pais, quer na escola não é? E é uma atividade que gosto, que gosto de conhecer, que gosto de ver.

Questão 5

Na sua opinião, como podem os museus ser úteis ao setor social?

B1	Se ajudarem, se através das experiências que as pessoas têm neles, as pessoas se tornarem mais pessoas, conseguirem afirmar-se mais, como acontece no 'Imagens que Guiam', é uma das coisas que é muito importante, porque as pessoas, eu acho que o facto de se perceber, sejam as pessoas com dificuldades intelectuais sejam outras que aqueles espaços são meus, como são das pessoas (...) que costumam ir todas as semanas àquele sitio, e eu que até nunca fui começo a ir, isto está a ajudar a afirmar-me enquanto cidadão, e se sou cidadão numa sociedade, a sociedade também está a beneficiar porque eu sou um cidadão que está a conseguir perceber o seu papel e a afirmar o seu papel junto dos outros, portanto, eu vou deixar de ser "inútil" e vou começar a afirmar-me e a mostrar que eu também posso ser igual aos outros, ou aquilo também é para mim, então eu também sou pessoa como os outros, tal como os outros são, diferente, igual é indiferente mas eu também sou pessoa, sendo assim, sendo assado, eu também sou pessoa, e então, isso também está a contribuir para que a sociedade evolua e possa ... perceber que há espaço para todos, seja nos museus seja na vida em geral.
B2	(...) para já porque as pessoas poderem ir a outros espaços que normalmente não vão, e terem essa noção, porque é um espaço de todos e há igualdade de oportunidades, o museu

	<p>pode ser bom desde que, estes e outros, ou seja, que se adaptam aos vários públicos e isso sim, falamos desta questão da inclusão, muitas vezes o que sentimos é que as coisas não estão adaptadas a todos os públicos, mas o Machado de Castro neste caso acaba por estar, e nesse sentido acaba por experimentar esta questão da inclusão social, das relações, do sentido de pertença do espaço, que vai criar impacto na vida das pessoas, mesmo nesta parte da comunicação, do que é que eu estou a ver, o que é que estou a sentir, o que é que me traz a mim (...) também acho que o museu em termos sociais, lá está, é isto mesmo é sentir que é um espaço que pertence a todos, basicamente acho que é isso. Torna-se acessível ao nível, intelectual, físico, sensorial. (...) os profissionais que, quer das instituições, quer dos espaços que têm de estar também sensibilizados para esta questão, portanto, ou seja, em termos de atitudes perceber que muitas das vezes estamos a lidar com adultos, para além da questão do adaptarem a informação, têm de perceber que estamos a lidar com adultos e nesse sentido temos que adaptar as nossas atitudes, as nossas/vossas atitudes.</p>
B3	<p>Acho que aqui tem várias vertentes, não só, até aqui falei numa troca, de pessoas para pessoas, e daquilo que nós usufruímos, quer nós a APPACDM, quer vós enquanto museu e enquanto experiência conjunta de ambas as partes, contudo, nós também temos as nossas páginas no Facebook, principalmente, que também acabam por ser agora o meio de maior divulgação, e penso que isso também é muito importante para chegar à comunidade em geral e a comunidade, há sempre um certo receio quando se fala em deficiência, principalmente em deficiência intelectual, receio e desconhecimento e penso que contribui bastante para a normalização destas instituições na sociedade, nós não somos locais que a comunidade procure, agora estamos nesta situação de pandemia, mas antes nós tínhamos o nosso bar aberto e não vinha cá ninguém da comunidade beber café. (...) não somos um espaço que as pessoas procurem, perguntar quem somos e o que fazemos, ainda há um bocadinho aquela relação de afastamento.(...) Com a parceria com o museu, cria-se aqui uma oportunidade e é muito importante para ambas as partes, quando nós fomos aí presencialmente, nós chegamos a ir uma vez presencialmente ao museu (...) e este ano fizemos a visita virtual (...) e fizemos uma fotografia da sessão para eles levarem para casa, porque foi uma coisa que eles gostaram e eles valorizam muito as fotografias, pois são coisas que não têm o hábito de fazer ou que sejam fáceis para eles obter (...) optamos por fazer assim para eles ficarem com uma recordação do que tinham feito. (...) Durante uma visita ao museu, houve visitantes que se aproximaram, pronto porque perceberam que</p>

estava ali um grupo que estava a ser feita uma explicação e houve pessoas que tiveram alguma curiosidade. (...) penso que haver uma abertura é muito importante, o facto de haver essa abertura e vocês demonstrarem essa disponibilidade.

3.3.4. Análise de conteúdos

Após a sua formação na Fundação Calouste Gulbenkian relacionada com a mediação de públicos com necessidades especiais em espaços culturais, a participante B1 criou um projeto na APPACDM denominado *A cultura também é para nós*. Observamos assim que as intervenções a nível museológico, podem ter impacto e serem inspiradoras para outras instituições, permitindo desenvolver novas ideias e caminhos que acentuam o papel da museologia como ferramenta de intervenção social.

Por outro lado, a impossibilidade de deslocação dos/as técnicos da APPACDM e seus clientes a Lisboa para participarem nos projetos de inclusão da Fundação Calouste Gulbenkian, levou a que procurassem atividades semelhantes em Coimbra, nomeadamente o Jardim Botânico.

No MNMC já vinha sendo desenvolvido um projeto denominado de *Construa Pontes e Não Barreiras*, desde 2011 também, em parceria com a APPACDM de Coimbra, com uma área de atuação neste campo.

Foi neste contexto, e devido a esta parceria, que contactaram o MNMC, nomeadamente a Dra. Virgínia Gomes, que aceitou de imediato o repto colocado. Assim, o *Imagens que Guiam* resulta da fusão de dois projetos: o projeto *Construa Pontes e Não Barreiras* do MNMC e o projeto *A cultura também é para nós* da APPACDM de Coimbra.

Através da análise das entrevistas conseguimos também compreender que os projetos de inclusão, são projetos que se vão ajustando às necessidades e características dos seus públicos. Com efeito, o *Imagens que Guiam* foi-se moldando com o desenvolver da experiência do projeto já existente no museu, havendo sempre um reconhecimento das necessidades e características do seu público alvo, que neste caso é público com dificuldades intelectuais e desenvolvimentais. Depois da avaliação do seu público e das características base que iriam definir para este projeto, surgiu também a necessidade de adaptar a informação, sendo este o contexto em que surgem os guiões de comunicação acessível.

Um dos momentos chave para o desenvolvimento deste projeto e da parceria entre o MNMC e a APPACDM foi a realização do workshop *Imagens que Guiam*, que acabou por dar o nome ao projeto, uma iniciativa que reflete o seu papel de inclusão, destinada a profissionais das instituições de apoio e a profissionais das instituições culturais, de forma a poderem visitar o

MNMC de forma autónoma, para além de se sensibilizarem para parcerias fundamentais com instituições congéneres com interesses nos mesmos públicos, de modo a criar redes de trabalho que permitam chegar a mais pessoas.

Quanto ao seu impacto e influência como mediador de cultura e cidadania, que se vai refletindo nas questões seguintes, é certo afirmar que tem um impacto bastante significativo não apenas no seu público-alvo mas também naqueles que integram o projeto. Como analisámos anteriormente, é certo afirmar que no ramo do direito cultural há três categorias primordiais: os relativos à identidade cultural, à liberdade cultural e o direito de acesso aos bens culturais.

Se considerarmos estas três categorias e os dados obtidos através das entrevistas, concluímos de imediato que estas estão presentes em toda a estrutura do projeto. Proporciona a liberdade de poderem assumir várias interpretações, de exprimirem a sua opinião tendo em conta que a consciência contribui para a construção de conhecimento. Desta forma, o público entende que o museu é um espaço que também lhe pertence, que têm o direito de ir, e de usufruir, sendo também um espaço onde pode expressar as suas ideias e opiniões.

As pessoas com dificuldades intelectuais e desenvolvimentais, sentem dificuldade em afirmar-se em contextos públicos no quotidiano. O facto de poderem expressar a sua opinião, e de esta ser ouvida e validada em espaço museológico, é uma forma de se afirmarem, de compreenderem que o património lhes pertence demonstrando esta afirmação na necessidade de irem novamente ao museu. Assim, a partir da experiência cultural verifica-se um incremento da autoestima.

O MNMC é significativo na vida do seu público com NES porque a experiência que vivenciam no seu espaço museológico desencadeia potencialidades como o enriquecimento cultural e social que se reflete na sua vida pessoal, por exemplo, porque a partir das experiências que vivenciam no museu conseguem abordar assuntos muitos mais interessantes, com os seus amigos, familiares e com os colegas do Centro, pois até então não lhe tinham sido proporcionadas oportunidades de novas experiências. Desta forma, a ida ao museu traduz-se no crescimento do mundo à sua volta, na emergência de outras pessoas, outras opiniões, outras realidades, até ao ponto de que quando têm uma experiência diferente acabam por se relembrar também do museu.

O museu é um espaço de cidadania ativa pois “*eles conseguem perceber os seus direitos e aquilo a que podem aceder, é nessa altura que eles vão também poder mostrar aos outros, refletir isso nas atitudes que têm em relação às outras pessoas e que os outros percebem através disso, e através do que eles dizem e através do que demonstram, que isso é um direito*” – Participante B1.

Neste sentido, o museu contribui para que este exercício de cidadania possa atingir outros contextos na vida destas pessoas, ou seja, através do seu exemplo e das suas boas práticas podem abrir-se novas portas e oportunidades.

O que se verifica ainda nos dias de hoje nos museus, é que se confunde o termo acessibilidade como termo inclusão, e que ao termo público com necessidades especiais ainda estão associadas apenas pessoas com mobilidade reduzida, pessoas cegas ou com baixa visão e pessoas surdas, e de facto já começam a criar condições de acesso para estes públicos. O público com dificuldades intelectuais e desenvolvimentais apresenta dificuldades e potencialidades tão diferentes, que é preciso haver uma compreensão apurada e uma adaptação caso a caso, implicando um acompanhamento mais próximo e amigável.

O projeto *Imagens que Guiam*, é também inclusivo para os técnicos da APPACDM que o integram. Através da análise das entrevistas percebemos que ambas as participantes não tinham uma relação muito próxima com a área cultural, antes de integrarem o projeto, e não compreendiam a importância e os potenciais que o património e as instituições culturais desempenham na sociedade. Após a integração no projeto começaram a perceber que os espaços culturais têm um impacto significativo na vida das pessoas, e que são instituições ao serviço das pessoas. Devido ao seu horário de trabalho não ser compatível com os horários de funcionamento dos museus, as oportunidades de irem com mais frequência são reduzidas, e é também neste aspeto que o *Imagens que Guiam* se revela inclusivo, ou seja, o sentido de os museus estabelecerem parcerias com instituições e com profissionais fora da área da cultura.

Como já referimos anteriormente, é necessário haver uma preparação antecipada das sessões. No entanto, numa perspetiva global e de futuro, o próximo passo que deve ser dado consiste em que deixe de ser necessário preparar visitas específicas e que o público com dificuldade intelectual ou outra, possa usufruir destas experiências sem uma marcação prévia. Para isto ser possível é necessário que o desenvolvimento destas atividades ocorra de uma forma mais assídua e fluída, permitindo aos profissionais dos museus avaliar os processos para

compreender o que resulta e o que não (e porquê), de forma a ir implementando as respetivas melhorias até os museus cheguem a ser instituições 100% inclusivas.

3.4. Discussão de Resultados

O objetivo deste estudo, teve como principal foco compreender o impacto de dois projetos de inclusão que foram dinamizados no MNMC. No sentido de obter elementos que nos permitissem analisar com mais rigor a questão da inclusão, foram definidas as etapas anteriormente demonstradas e analisadas.

Atentando nos resultados da avaliação qualitativa efetuada a ambos os projetos, podemos afirmar de forma convicta que, estas iniciativas podem ter um impacto muito positivo na qualidade de vida dos seus participantes, promovendo o seu bem-estar emocional, nomeadamente a sua autoestima e favorecendo o seu contexto de socialização. Por outro lado, as iniciativas dinamizadas contribuem para a promoção de direitos de igualdade e para a prática duma cidadania ativa.

Através deste enriquecimento cultural e social, os museus refletem o potencial que podem exercer na vida da comunidade. Ainda está bastante presente a ideia de que estes espaços têm como principal público-alvo pessoas com um nível académico direccionado para a vertente das artes e das ciências sociais. Assim sendo, é imperativo que os museus continuem a definir estratégias de intervenção mais inclusivas, com vista a captar público com diferentes taxas de alfabetização. Para tal, é necessário que estas instituições criem novas ferramentas que se adequem a públicos com diferentes perfis.

É também possível concluir que os museus podem contribuir para uma maior proximidade com o meio cultural envolvente, promovendo a oportunidade de estabelecer parcerias com outras instituições promotoras da cultura, aumentando a cooperação e a comunicação entre si, o que é determinante para a afirmação do seu papel na sociedade, quanto à sua missão e à sua ação. Deste modo, criam-se condições para que possa ser prestado um serviço de carácter social e cultural mais ativo e eficaz, permitindo que algumas boas práticas sirvam de exemplo a outros setores fora do âmbito cultural.

Relativamente às pessoas com necessidades especiais e às instituições que atuam nesta área, o museu pode ser um veículo de acesso a novas oportunidades de afirmação no panorama social, contribuindo para quebrar o receio e o desconhecimento que ainda prevalece relativamente à questão da deficiência.

É neste sentido que os museus devem continuar a intervir, pois os projetos de inclusão, tal como o próprio nome aponta, são inclusivos, ou seja, procuram envolver diferentes entidades, evidenciando o seu dinamismo e capacidade de dar resposta aos problemas e desafios que a sociedade lhes coloca, conseguindo estabelecer uma maior proximidade com a comunidade local e ajudando as minorias na afirmação dos seus direitos.

Em suma, observamos qualitativamente dois projetos de inclusão, voltados para universalidades diferentes uma da outra. Por um lado, temos os participantes com perturbações neurocognitivas e por outro temos participantes com dificuldade intelectual e desenvolvimental, mas que ambos se cruzam na questão da prática de uma cidadania ativa.

No *EU no musEU*, há uma recuperação da cidadania, através da socialização, do incremento de autoestima e na construção de novas relações. Enquanto que no *Imagens que Guiam*, há uma consciencialização de cidadania.

3.5. Outras atividades realizadas durante o estágio no MNMC

3.5.1. Exposição ‘De Fernão se fez António’

Inaugurada a 2 de Fevereiro de 2020, na Antiga Livraria do Mosteiro de Santa Cruz, a exposição ‘De Fernão se fez António’ foi realizada no contexto do *Jubileu dos Mártires de Marrocos*. Integrada por 40 peças de diferentes tipologias procedentes de vários museus nacionais e privados, a exposição desenvolveu-se em 4 núcleos principais: 1) Vocação; 2) Formação e juventude; 3) Missão e testemunho; 4) Universalidade.

Esta exposição contou com a parceria do Museu Nacional de Machado de Castro e com o Museu Nacional de Arte Antiga. Neste contexto, no decorrer da preparação da exposição, participei enquanto estagiária do MNMC, na receção de peças e na sua desembalagem e na montagem em sala.

Numa vertente mais teórica organizei o cronograma da exposição e a lista do empréstimo de peças.

3.5.2. Dia Internacional dos Museus 2020 (DIM)

Com o tema “Museus para a Igualdade: Diversidade e Inclusão”, este ano o ICOM para assinalar o Dia Internacional dos Museus escolheu tema da Inclusão. O MNMC aderiu a um conjunto de iniciativas em formato online com o objetivo de divulgar e ressaltar a importância da inclusão cultural e nomeadamente dos seus projetos de inclusão em curso.

Através da plataforma Facebook e devido à pandemia de Covid-19, na iniciativa DIM2020 NAS REDES, foram apresentados diversos vídeos com a caracterização e explicação dos seus projetos. Neste sentido, contribuí na realização e edição de vídeos de dois projetos: O projeto *NÓS no musEU* e o projeto *Imagens que Guiam*, demonstrando assim que o MNMC é um museu que promove igualdade de oportunidades no acesso à fruição cultural.

Link para vídeos:

NÓS no musEU: <https://www.facebook.com/watch/?v=699611730791722>

Imagens que Guiam: <https://www.facebook.com/watch/?v=889221558213150>

Conclusão

A atual realidade dos museus em Portugal revela fortes carências na área da acessibilidade cultural, sendo notório o reduzido número de museus com projetos ou ações de inclusão em funcionamento.

À procura das razões que nos permitam entender esta situação de fragilidade cultural e social, percebemos em primeiro lugar, que a questão da acessibilidade em espaços culturais é uma problemática recente, pelo que, as instituições se sentem pouco confortáveis e pouco preparadas para explorar estes caminhos.

Em segundo lugar, são também notórias as dúvidas e confusões conceituais relativamente a esta temática. Assim, os conceitos de “acessibilidade” e “inclusão” são frequentemente desvirtuados e/ou utilizados indiscriminadamente. É comum, por exemplo, os museus intitulem-se de acessíveis porque em termos de acessibilidade física estão devidamente equipados (rampas, elevadores...), continuando, no entanto, sem abranger outros patamares de acessibilidade.

Existe ainda, por parte dos/as profissionais deste ramo, posturas irredutíveis, ausência de motivação e falta de sensibilização das equipas que, com frequência, reafirmam a crença de que a inclusão não é responsabilidade dos museus.

A inclusão de públicos com necessidades especiais em espaços culturais, limita-se apenas a algumas tipologias, designadamente, públicos com mobilidade reduzida (física), cegos ou com baixa visão e surdos (sensorial). No entanto, observa-se um processo emergente de captação de novos públicos por parte das instituições, para a finalidade da construção/desenvolvimento de recursos que permitam abranger um leque mais vasto de tipologias, no âmbito da deficiência.

Em Portugal, podemos destacar o trabalho desenvolvido pelo MNMC e pela Fundação Calouste Gulbenkian, duas instituições culturais que têm desenvolvido diversos projetos e programas de inclusão que se encontram atualmente em funcionamento. Numa perspetiva de melhoria contínua, promovem formações para profissionais da cultura, incentivando a criação de projetos, com condições de integração de novos públicos.

Por outro lado, a Associação Acesso Cultura tem assumido também um papel de destaque nesta área, com impacto positivo a nível da sensibilização e formação nas vertentes da acessibilidade e da inclusão. São também importadas novidades e boas práticas realizadas no estrangeiro, destinadas não só a profissionais de museus, como também a profissionais doutras áreas da cultura.

Relativamente aos projetos do MNMC aqui estudados, o *EU no musEU* é um programa que merece ser assinalado, pois atualmente discute-se muito o papel do cuidador e do bem-estar da população idosa. Sob esta perspetiva, será conveniente que este projeto assuma uma periodicidade semanal ou quinzenal, pelo seu impacto na qualidade de vida do seu público, nas valências anteriormente referidas. Da mesma forma, e com este mesmo objetivo, parece-nos que o projeto deveria ser alvo de financiamento garantido (Ex: fundos europeus), para poder assumir progressividade sem estar dependente da instabilidade da DGPC.

Já no que diz respeito ao projeto *Imagens que Guiam*, deveria haver mais formações de sensibilização direcionadas à equipa de profissionais, com vista, a reforçar o seu campo de atuação, tornando-o extensível a mais instituições e públicos.

As perspetivas de dinamização de projetos de inclusão deveriam ser desconstruídas, pois o próprio conceito de “inclusão”, assim como os mitos e a desinformação existentes a este respeito, acabam por remeter para a exclusão, reforçando também a ideia da diferença. Torna-se por isso imperativo investir na formação dos profissionais, para que possam sentir-se preparados e confiantes para receber todo o tipo o público, facilitando o seu acesso a experiências museológicas das mais diversas naturezas, não sendo assim necessário a dinamização de projetos abrangidos pelo termo de “inclusão”.

Bibliografia/Fontes Consultadas

- ACESSO CULTURA (2018) Jornadas Além do Físico: Barreiras à participação cultural. Lisboa.
- ACESSO CULTURA (2020). A participação cultural de pessoas com deficiência e incapacidade. – Como criar um plano de acessibilidade. Lisboa. Disponível em: <https://acessocultura.org/manual-plano-acessibilidade/>. Consultado em 15 de setembro de 2020.
- AA.VV (2006). A Prescription for Cultural Competence in Medical Education. EUA.
- AA.VV (2017). Investigação Qualitativa em Ciências Sociais – A observação participante enquanto metodologia de investigação qualitativa. Vol.3.
- AA.VV (2010). Modelo Social: Uma nova abordagem para o tema da deficiência. Brasília: Brasil.
- AA.VV (2005). Museu Nacional de Machado de Castro – Roteiro. Lisboa: Instituto Português de Museus.
- ANACED (2013). Manual de Boas Práticas Artísticas e Culturais – a arte pertence a todos. 3ª Edição revista e aumentada.
- COLEMAN, Laura (2015). The Socially Inclusive Museum - A Typology Re-imagined. In The International Journal of the Inclusive Museum, Florida State University.
- Decreto-Lei nº115/2012 de 25 de Maio – Diário da República, I SÉRIE. Disponível em: http://www.patrimoniocultural.gov.pt/static/data/dgpc_enquadramento_legal/115_2012_dgpc.pdf. Consultado em 3 de junho de 2020.
- DODD, Jocelin; SANDELL, Richard (2001). Including Museums – perspectives on museums, galleries and social inclusion. University of Leicester.
- FREITAS, Duarte Manuel Roque (2014). Memorial de um complexo arquitetónico enquanto espaço museológico: Museu Machado de Castro (1911-1965). Tese de Doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra: Coimbra.

FONTES, Fernando (2009). Pessoas com deficiência e políticas sociais em Portugal: Da caridade à cidadania social. In *Revista Crítica de Ciências Sociais*, ed. Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, Coimbra.

GUIMARÃES, Emanuel (2013). O museu como fator de desenvolvimento regional: o impacto económico do museu. Artigo de Tese. Faculdade de Letras da Universidade do Porto: Porto.

GOMES, Maria de Fátima; CUNHA, Marcelo (2013). O museu como agente de transformação. In *Cadernos de Sociomuseologia* vol.45.

GOMES, Virgínia (2018). Manifestações de entendimento, de afeto, de vontade de comunicar. In *Jornadas Além do Físico: Barreiras à Participação Cultural*.

GOMES, Virgínia (2016). Novos paradigmas comunicacionais junto de públicos com Perturbações Neuro Cognitivas em Museus - Três estórias de obras de arte em Símbolos Pictográficos da Comunicação. Dissertação de Mestrado. Instituto Politécnico de Leiria: Leiria.

GUGEL, Maria Aparecida (2007). A pessoa com deficiência e a sua relação com a história da Humanidade. Florianópolis: Brasil.

HOOPER-GREENHILL, Eilean (1996). *Museums and Their Visitors*. London: Routledge.

ICOM (2001). *Conferência Geral do ICOM*. Disponível em: [https://icom-portugal.org/multimedia/info%20II-23_Dez13-Fev14\(1\).pdf](https://icom-portugal.org/multimedia/info%20II-23_Dez13-Fev14(1).pdf). Consultado em 29 de Setembro de 2020.

ICOM (1972). *Declaração de Santiago do Chile*. Disponível em: <http://catedraunesco.ulusofona.pt/declaracao-santiago/> Consultado em 29 de Setembro de 2020

Instituto Português de Museus (2004). *Museus e Acessibilidade – Temas de Museologia*, Lisboa.

Lei nº47/2004 de 19 de Agosto – Diário da República, I SÉRIE. Disponível em: <https://dre.pt/pesquisa/-/search/480516/details/maximized> Consultado em: 5 de maio de 2020.

Lei 58/2009 de 8 de Agosto – Diário da República, I SÉRIE. Disponível em: <https://dre.pt/pesquisa/-/search/123815982/details/maximized> Consultado em: 21 de setembro de 2020.

LOPES, Maria; HEIZER, Alda (2011). *Colecionismos, práticas de campo e representações*. Universidade Estadual da Paraíba.

LUSA, Agência (2019). *Museu Nacional de Machado de Castro integrado na área de Património Mundial da UNESCO de Coimbra*. Observador. Disponível em: <https://observador.pt/2019/07/07/museu-machado-de-castro-integrado-na-area-de-patrimonio-mundial-da-unesco-de-coimbra/> Consultado em 18 de Maio de 2020.

MARTINS, Patrícia Roque (2013). *A inclusão social tem influência nas práticas museais? O acesso dos públicos com deficiência*. In revista MIDAS.

MINEIRO, Clara (2017). *Guia de Boas Práticas de Acessibilidade – Comunicação Inclusiva em Monumentos, Palácios e Museus*. Lisboa: Turismo de Portugal I.P. Direção Geral do Património Cultural.

MIRANDA, Jorge (2006). *Notas sobre cultura, Constituição e direitos culturais. Notas de arguição na lição de síntese do Doutor Vasco Pereira da Silva, nas provas para obtenção do título de agregado*. Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa: Lisboa.

MNMC (s.d). *O Edifício e as Marcas do Tempo*. Site Museu Nacional de Machado de Castro. Disponível em: <http://www.museumachadocastro.gov.pt/ptPT/museu/ContentDetail.aspx?id=629> Consultado em 4 Maio de 2020.

MNMC (s.d). *Missão*. Site Museu Nacional de Machado de Castro. Disponível em: <http://www.museumachadocastro.gov.pt/pt-PT/museu/ContentDetail.aspx?id=592> Consultado em 4 Maio de 2020.

NETO, Maria João Martins Pereira (2010). *Os áudio-guias na acessibilidade aos museus: a sua aplicação ao Museu da Ciência da Universidade de Coimbra*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra: Coimbra.

PACHECO, Kátia; ALVES, Vera (2007). *A história da deficiência, da marginalização à inclusão social: Uma mudança de paradigma*. In *Tendências e Reflexões*. São Paulo.

REZENDE, Bruno Lisita (2016). *O uso do recurso do audiovisual na divulgação do património do Museu Nacional Machado de Castro*. Relatório de Estágio. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra: Coimbra.

SANCHO QUEROL, Lorena (2013). Para uma gramática museológica do (re)conhecimento: ideias e conceitos em torno... *Sociomuseologia, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Vol. XXV, pág. 165-188.

SARRAF, Viviane Panelli (2008). Reabilitação do Museu: Políticas de Inclusão Cultural por meio de Acessibilidade. Dissertação de Pós-Graduação. Escola de Comunicações e Artes - Universidade de S. Paulo: S. Paulo, Brasil.

SANTOS, Sónia (2011). Museus Inclusivos: realidade ou utopia? In *Ensaio e práticas em museologia*, ed. Alice Semedo e Patrícia Costa. Universidade do Porto.

SILVA, Otto Marques (1986). *A Epopeia Ignorada: A pessoa Deficiente na História do Mundo de Ontem e de Hoje*. São Paulo.

TLITI, Anwar (2010). Efficiency and Social Inclusion: Implications for the museum profession. In *Cadernos de Sociomuseologia* vol. 43.

TOJAL, Amanda (2007). Políticas Públicas Culturais de Inclusão de Públicos Especiais em Museus. Dissertação de Mestrado. Escola de Comunicações e Artes - Universidade de São Paulo. São Paulo.

UNESCO (1957). *Seminário Regional da Unesco sobre a Função educativa dos Museus*. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000133845>. Consultado em 8 de abril de 2020.

ANEXOS

Anexo A – Sessão Imagens que Guiam: Vénus e Marte castigados por Vulcano



Figura 1: Apresentação da sessão.



Figura 2: Dinamização da sessão.



Figura 3: O decorrer da sessão.



Figura 4: O decorrer da sessão.



Figura 5: O decorrer da sessão.



Figura 6: O decorrer da sessão.



Figura 7: O decorrer da sessão.



Figura 8: Leitura do guião em comunicação acessível.



Figura 9: Mimetização da obra de arte.



Figura 10: Mimetização da obra de arte.

Anexo B – Guião Comunicação Acessível: Vénus e Marte castigados por Vulcano

MUSEU NACIONAL DE MACHADO DE CASTRO

Julho 2020



VULCANO CASTIGA VÊNUS E MARTE

MNMC Inv.: 6050

AUTOR: Desconhecido



Estamos a ver



uma tapeçaria.



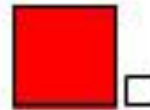
Uma tapeçaria



é um



tapete



grande



que conta uma história



de pessoas.



Antes de estar



aqui no museu,



esta peça



estava numa sala da Sé de Coimbra.



Nesta peça,



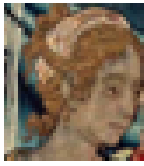
estão representados Vénus, Marte,



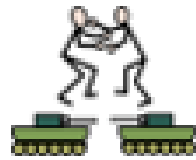
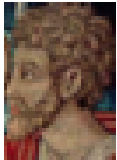
Vulcano



e Hélio.



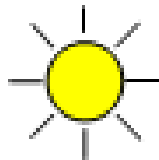
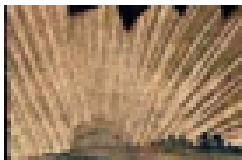
Vénus é a deusa do amor.



Marte é o deus da guerra.



Vulcano é o deus do fogo.



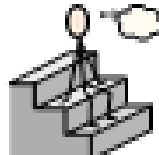
Hélio é o deus do sol.



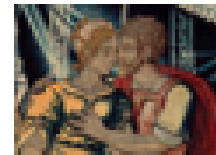
Nesta história,



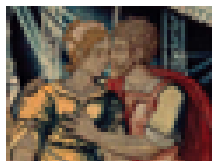
Vulcano



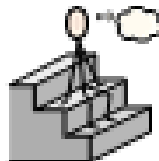
está a castigar



Vénus e Marte.



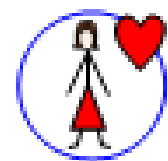
Vénus e Marte



são castigados porque



Vénus



era mulher de



Vulcano.



Mas Vénus



amava



Marte

e



Marte



amava



Vénus.



Vénus e Marte



encontravam-se



às escondidas,



durante a noite.



Marte



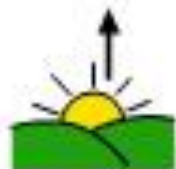
pediu

a



Alectrião

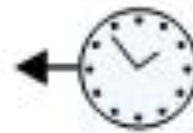
para o avisar



ao nascer do sol,



para se irem embora



antes



de o dia nascer,



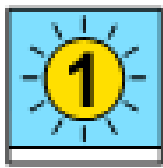
para ninguém



os ver



juntos.



Um dia,

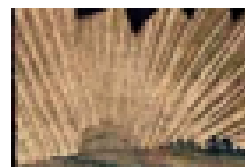


Alectrião



adormeceu

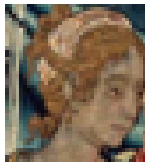
e



Hélio



viu



Vénus

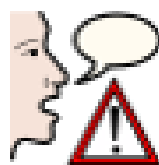
e



Marte.



Hélio



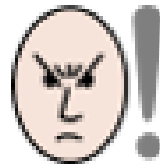
foi avisar



Vulcano.



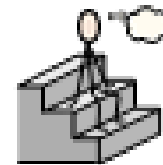
Vulcano



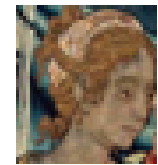
ficou muito zangado



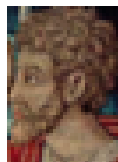
e decidiu



castigar



Vénus



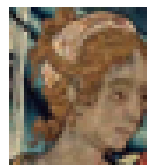
e Marte.



Vulcano

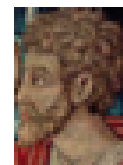


amarrou



Vénus

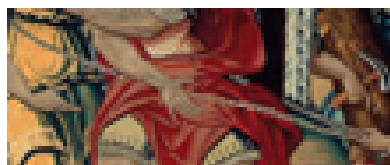
e

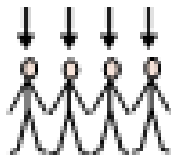


Marte



com uma corrente feita por ele.

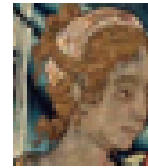




Todos os deuses

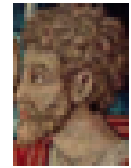


ficaram a saber que

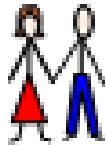


Vénus

e



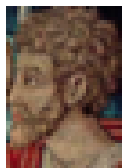
Marte



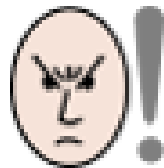
namoravam



em segredo.



Marte



ficou zangado



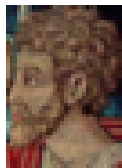
e decidiu



vingar-se de



Alectrião.



Marte



transformou



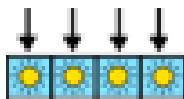
Alectrião



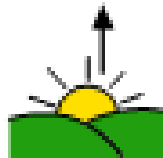
num galo,



para cantar



todos os dias



ao nascer do sol.



Esta tapeçaria



também tem representações de plantas.



Cada planta



tem um significado.



A abóbora significa que a pessoa que encomendou



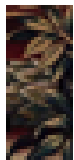
esta tapeçaria era muito rica.



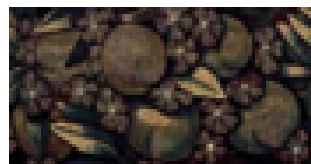
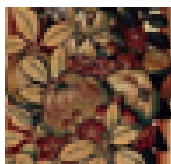
O carvalho é a árvore dedicada a vários deuses de Roma,



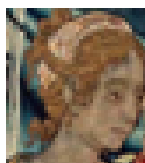
há muitos anos.



O louro simboliza a vitória, a alegria e a paz.



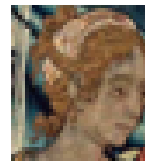
O marmelo e a pêra são frutos dedicados a



Vênus e simbolizam o amor.



A rosa foi a flor que apareceu



quando Vénus



nasceu.



As trepadeiras



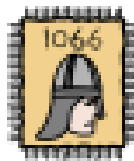
simbolizam



o amor



impossível.



Com esta tapeçaria,



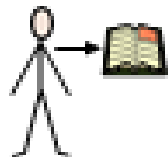
ficamos a conhecer



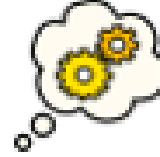
uma história:



é a história



em que os deuses



inventaram



o galo.



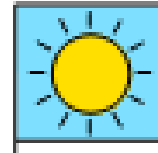
O galo



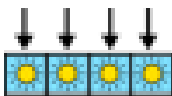
canta



para nos avisar



quando é de dia,



todos os dias.

Anexo C – Sessão Imagens que Guiam: Adoração dos Reis Magos



Figura 11: Apresentação da sessão.



Figura 12: Dinamização da sessão.



Figura 13: O decorrer da sessão.



Figura 14: Mimetização da obra de arte

Anexo D– Guião Comunicação Acessível: Adoração dos Reis Magos

MUSEU NACIONAL DE MACHADO DE CASTRO

Julho 2020



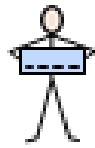
ADORAÇÃO DOS REIS MAGOS

MNMC Inv.: 2547; P1

AUTOR: Manuel Vicente



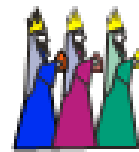
Esta pintura



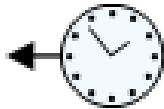
chama-se



Adoração



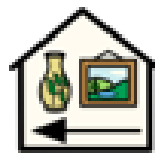
dos reis magos.



Antes de estar aqui



no museu,



esta peça estava no Mosteiro de Santa Maria de Celas.



No Mosteiro de Santa Maria de Celas,



viviam



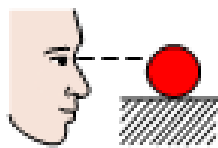
freiras



vestidas de branco.



Nesta pintura,



vemos



uma senhora



e um bebé.



A senhora é



Maria



e o bebé é



Jesus.



Maria



segura



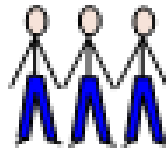
Jesus



nos seus braços.



À sua volta,



estão três homens.



São os reis magos.



Chamam-se Melchior, Gaspar e Baltazar.



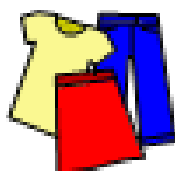
Os reis magos



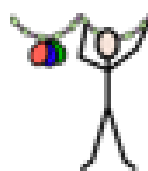
vestem



roupa de rico.



As suas roupas



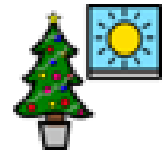
são muito decoradas



e bonitas.



=



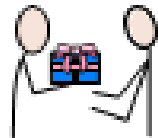
Esta cena representa aquilo que celebramos no Natal:



o nascimento de Jesus.



Os reis magos estão a rezar ao Menino Jesus



e estão a oferecer-lhe presentes.

1

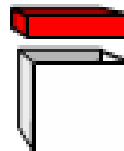
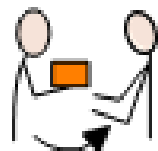


Melchior está de joelhos e segura os pés do



Menino Jesus.

1




Melchior ofereceu um cálice com tampa a Jesus.

 O cálice
 chama-se píxide.

 Jesus
 tira
 da píxide
 uma moeda
de
 ouro.

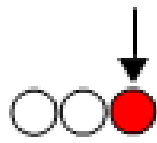
 A moeda
 é do tempo
 do rei D. Sancho de Portugal.

 A moeda
=
 representa
a sabedoria global.

 À esquerda,
2
 Gaspar
segura com a mão
 um cofre.

 Com a outra
 mão,
 está a tirar
 o chapéu.

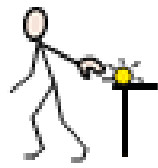
 O chapéu
 tem uma coroa
 em cima.



À direita,

3

Baltazar



está a tirar



o chapéu e



segura



um cofre



com a mirra.



Entre Maria

2

e Gaspar,



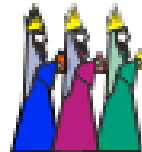
está representada uma estrela.



É a estrela



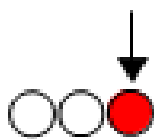
que mostrou



aos reis magos



onde nasceu Jesus.



À direita de



Maria,

2

Gaspar



segura com uma mão



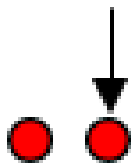
o seu presente.



=



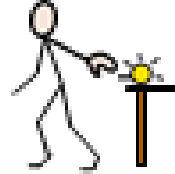
É incenso e simboliza a fé.



Com a outra



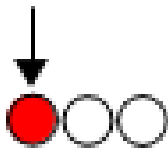
mão,



está a tirar



o chapéu.



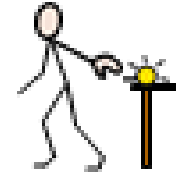
À esquerda de



Maria,

3

Baltazar



está a tirar



o chapéu e



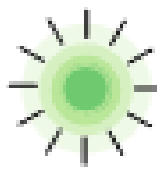
segura



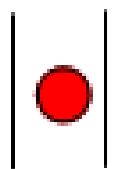
o seu presente.



=



É mirra e simboliza a pureza.



Entre



Maria

2

e Gaspar,



está representada uma estrela.



Anexo E– Sessão Imagens que Guiam: Adoração dos Reis Magos

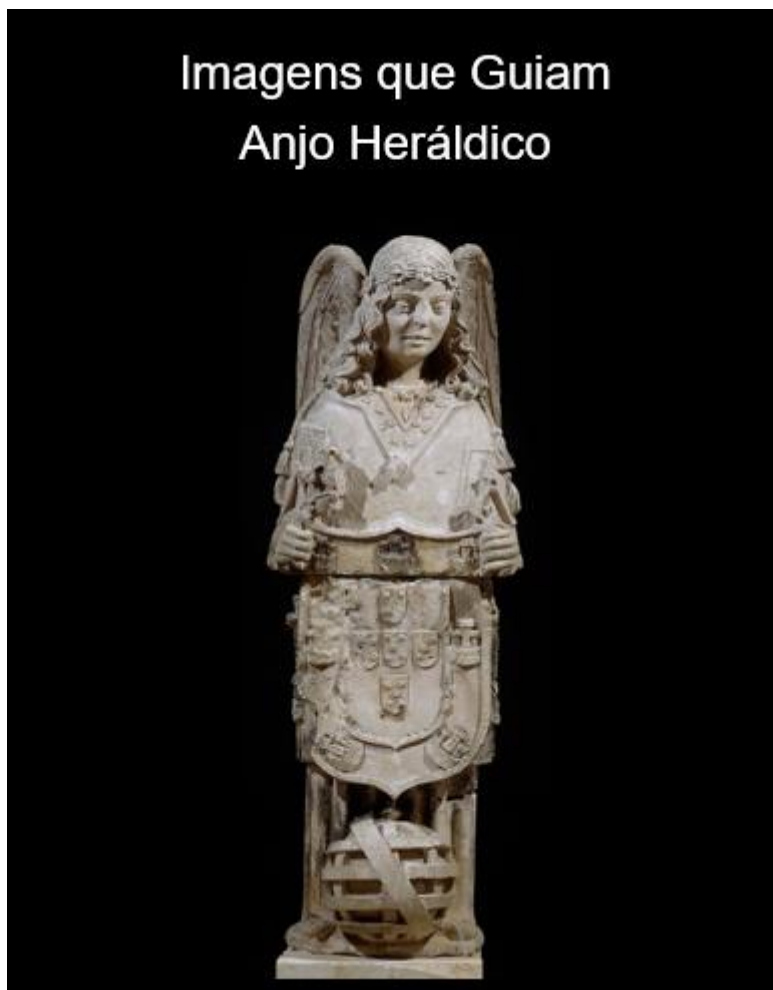


Figura 15: Apresentação da sessão.



Figura 16: Dinamização da sessão



Figura 17: O decorrer da sessão.



Figura 18: O decorrer da sessão

Figura 19: Mimetização da obra de arte.



Figura 20: Mimetização da obra de arte.

Anexo F – Guião Comunicação Acessível: Adoração dos Reis Magos

MUSEU NACIONAL DE MACHADO DE CASTRO

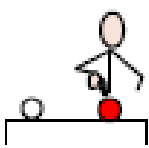
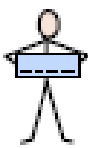

Julho 2020



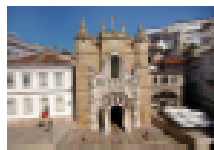
ANJO HERÁLDICO

MNMC Inv.: 4102; E61

AUTOR: Diogo Pires-o-Moço



  
Esta peça chama-se Anjo Heráldico.

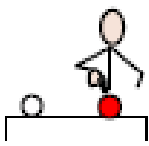

  
Antes de estar aqui no Museu, esta peça



estava no Mosteiro de Santa Cruz.

  
Esta peça foi encomendada pelo rei D. Manuel I.

 
D. Manuel I era o rei dos Descobrimentos.

  
Esta peça é uma escultura e é feita em pedra.

  
A pedra desta escultura é o calcário.

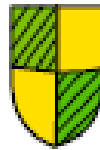




Nas mãos,



segura



um escudo



com cinco quinas,



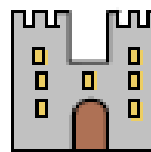
que formam uma cruz.



À volta das quinas,

7

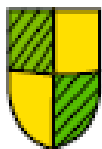
estão sete



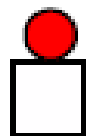
castelos,



que representam os castelos de Portugal.



O escudo



tem em cima



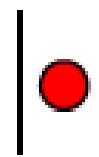
uma coroa.



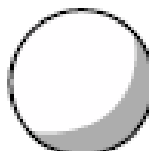
O anjo



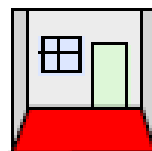
tem os pés descalços



e, no meio,



tem uma esfera amilar



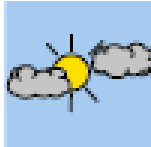
que pousa no chão.



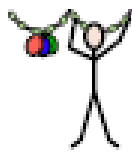
=



A esfera amilar é uma bola que representa a terra



e o céu.



Tem à volta fitas a enfeitar.



As fitas representam os caminhos que os portugueses



descobriram no mar há quinhentos anos.



A esfera é o objeto que o rei D. Manuel escolheu



para representar as descobertas que Portugal fez no mar.



Este anjo



chama-se "Anjo Heráldico"



porque segura



um escudo.

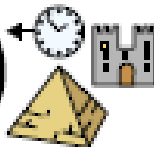


Este escudo

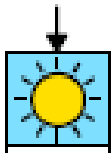
era usado pelos reis

de Portugal

500



há quinhentos anos.



Hoje,



o escudo



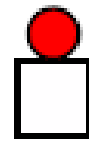
de Portugal



não tem



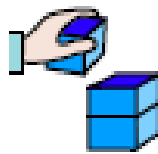
a coroa



em cima.



O anjo



foi feito



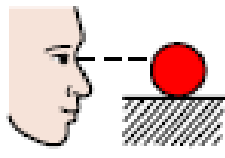
para a ponta do telhado



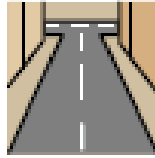
da Igreja de Santa Cruz.



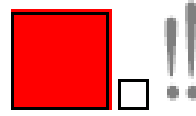
O anjo



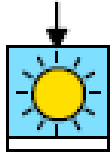
era visto



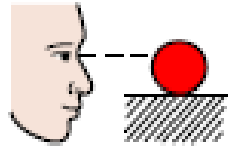
da rua



porque era muito grande.



Hoje,



podemos ver este anjo



no Museu Nacional de Machado de Castro.